Credo ou Refúgio do Cristão nos tempos atuais

Mons. Jean-Joseph Gaume — Credo ou Refúgio do Cristão nos tempos atuais. Tradução em português do Brasil.

- Sobre essa edição
- Notícia sobre Mons. Gaume
- Prefácio
- Capítulo I — Razão deste escrito
- Capítulo II — O grande fato
- Capítulo III — História desse fato
- Capítulo IV — Primeira dificuldade: Destruir o judaísmo
- Capítulo V — Segunda dificuldade: Destruir o paganismo
- Capítulo VI — Terceira dificuldade: Estabelecer o cristianismo
- Capítulo VII — Quarta dificuldade: A extensão da empresa
- Capítulo VIII — Quinta dificuldade: O tempo
- Capítulo IX — Sexta dificuldade: Os caluniadores
- Capítulo X — Sétima dificuldade: Os hereges
- Capítulo XI — Oitava dificuldade: Os filósofos
- Capítulo XII — Nona dificuldade: Os zombadores
- Capítulo XIII — Décima dificuldade: Os progressos do cristianismo
- Capítulo XIV — Décima primeira dificuldade: As perseguições
- Capítulo XV — Fraqueza dos meios
- Capítulo XVI — Grandeza do sucesso

- Capítulo XVII — Sucesso rápido
- Capítulo XVIII — Sucesso sério
- Capítulo XIX — Sucesso real
- Capítulo XX — Sucesso duradouro
- Capítulo XXI — Uma suposição
- Capítulo XXII — Resumo e desenvolvimento
- Capítulo XXIII — Dupla explicação
- Capítulo XXIV — As consequências
- Capítulo XXV — Uma experiência
- Capítulo XXVI — Uma conclusão
- Capítulo XXVII — Uma arma ofensiva
- Capítulo XXVIII — Continuação do precedente
- Resumo geral

Sobre essa edição

Credo

ou Refúgio do Cristão nos tempos atuais

❦

Tradução para o português do Brasil de *Credo ou Refuge du Chrétien dans les temps actuels*, de Mons. Jean-Joseph Gaume, protonotário apostólico e doutor em teologia (3.ª edição, Paris, Gaume et Cie, 1890).

As citações bíblicas seguem a Bíblia em português e latim da Ação Restauracionista (tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, com a grafia antiga mantida); o restante do texto foi vertido para o português contemporâneo.

Imprimatur: Datum Versaliis, die 17 Decembris 1866. D. Bouix, Vic.-Gen. Versal.

> *«Senhor, salva-nos, que perecemos.»* (Mt 8, 25)

Notícia sobre Mons. Gaume

O viajante que vai de Besançon à Suíça, pela grande estrada de Morteau, atravessa a parte mais elevada da Franche-Comté, terra de fé e de montanhas, justamente chamada o Tirol da França. A poucas léguas apenas da fronteira, encontra-se, num fresco vale, ao pé de um monte coroado de abetos seculares, a bela aldeia de Fuans. Foi ali que nasceu Mons. Gaume, a 4 de junho de 1802.

Foi o nono de nove filhos de uma família patriarcal, em que vivia, em sua poderosa integridade, a fé dos tempos antigos. Recebeu no batismo o nome de Jean-Joseph. Seu pai, Jean-François-Xavier Gaume, era homem justo, bom, dedicado e corajoso: verdadeiro tipo dessa velha raça franco-condesa, sólida na fé, leal no trato e firme no perigo.

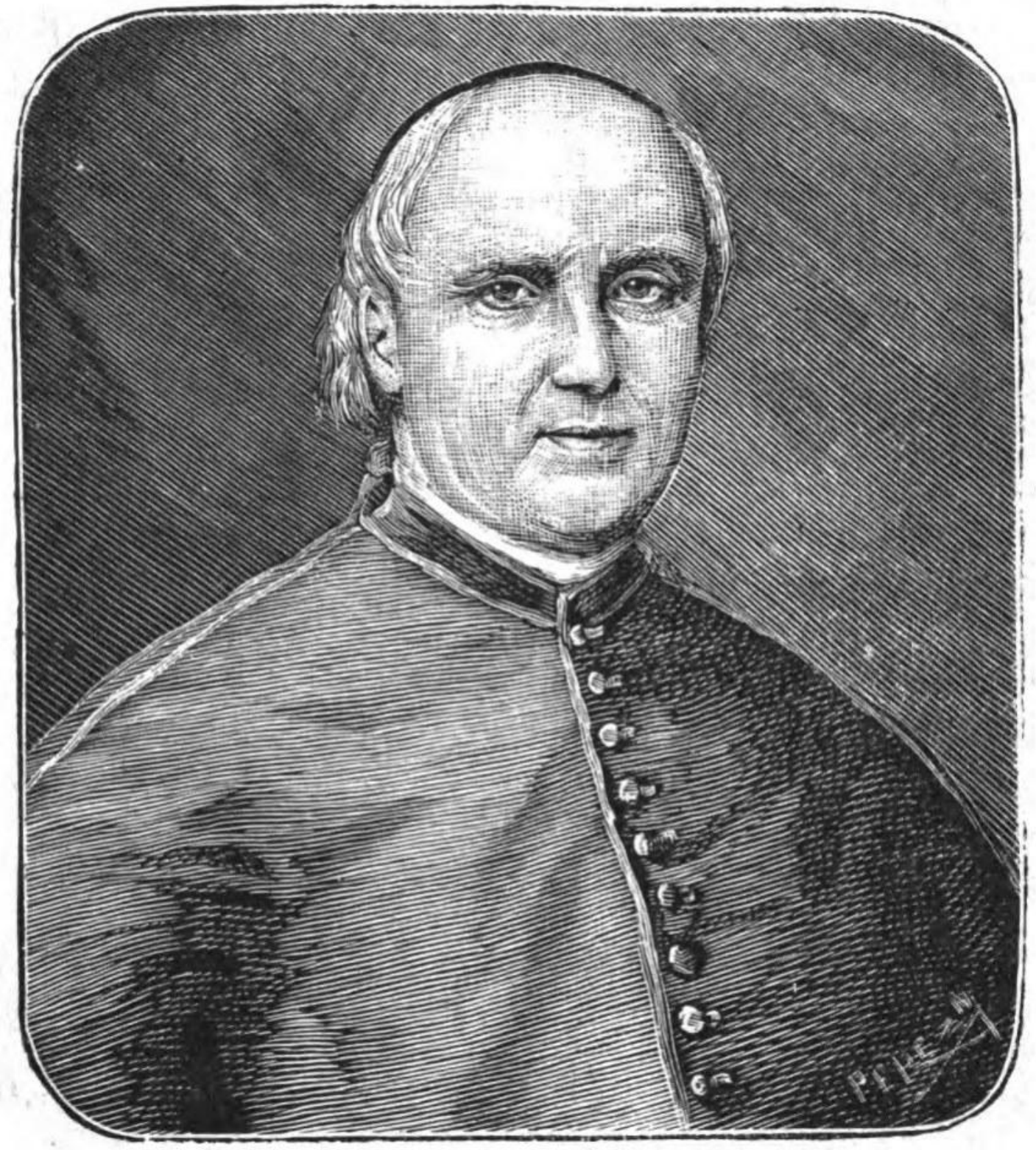
Sua mãe, Gabrielle Boillon, era a mãe dos pobres, e sua casa era a casa deles. Nessa casa, quantos sacerdotes encontraram asilo nos piores dias da Revolução, quando, perseguidos por todos os lados, procuravam passar à Suíça para escapar da guilhotina ou da deportação! Contaram-se certa noite até dez reunidos sob aquele teto hospitaleiro. No meio da noite, um deles celebrava a Missa, na qual todos comungavam; depois o Santíssimo Sacramento era guardado num pequeno tabernáculo de madeira, para os doentes da vizinhança.

Um tio de Mons. Gaume, Nicolas Busson, foi guilhotinado em Malche com dezessete lavradores, que morreram como ele pela fé. Esse cristão heroico manteve-se ao pé do cadafalso, abraçou e animou os companheiros um após outro, depois subiu tranquilamente os degraus e teve a cabeça cortada por último. Foi sob a direção do filho dele, o padre Busson, digno de tal pai e cuja memória permaneceu em veneração, que Mons. Gaume fez seus estudos no seminário menor de Ornans. Seguiu-o depois ao seminário maior de Besançon, onde teve por mestres e amigos homens com os quais trabalhou mais tarde pelo inteiro restabelecimento da autoridade da Santa Sé: o cardeal Gousset, Mons. Gerbet, Mons. Doney e outros ainda. Pois o sangue dos mártires da Franche-Comté preparou para a Igreja uma rica messe, como se viu também, aliás, por toda parte onde correu esse sangue generoso.

Depois de ter sido por dois anos vigário em Vesoul, o padre Gaume foi pedido por Mons. Millaux, bispo de Nevers, para ensinar teologia em seu seminário maior; ali ensinou a pura doutrina romana, até que, tendo o seminário menor necessidade de ser reorganizado por mão firme e hábil, foi nomeado seu superior. Operou ali, em pouco tempo, mudanças maravilhosas quanto à piedade, à ciência e à disciplina. Foi ali que sentiu a necessidade de fortalecer a educação pelo estudo dos escritos dos santos Padres, próprios para dar aos jovens um conhecimento maior e um amor mais vivo da religião; o que o levou a publicar, em 1835, seu livro *O catolicismo na educação*, completado mais tarde por outros escritos que tiveram enorme repercussão em toda a Igreja.

Mons. Gaume era então cônego de Nevers: dirigia o catecismo de perseverança, ao qual acorriam as moças da cidade e muitas mães atraídas por sua eloquência. Demonstrava plenamente a verdade do cristianismo, dando a conhecer bem a Igreja, sua origem, sua doutrina, sua liturgia,

seus sacramentos, seus mártires, seus grandes santos, suas admiráveis instituições de caridade para todas as misérias da vida. Continuou por quase vinte anos esse apostolado, do qual saiu uma das mais belas e mais populares apologias do cristianismo, seu *Catecismo de perseverança*, que foi louvado por Gregório XVI, aprovado por muitos bispos e traduzido em todas as línguas.



> **Mons. Jean-Joseph Gaume.** Nascido em Fuans (Doubs) a 4 de junho de 1802; morto em Paris a 19 de novembro de 1879.

O papa Gregório XVI, por ocasião de uma viagem de Mons. Gaume a Roma, em 1842, concedera-lhe até a cruz da Ordem de São Silvestre, em recompensa «de sua dedicação à Santa Sé e dos serviços prestados à religião por suas obras». Vários cardeais e outras personalidades da corte romana também lhe fizeram o mais benévolo acolhimento; e recebeu do clero, em todas as cidades onde se demorou, sinais da estima que seus escritos lhe haviam granjeado; pois teve a ventura de visitar e estudar não somente Roma, mas as principais cidades desse belo país, então tão piedoso e tão feliz, apesar dos esforços da Revolução. Nada é mais interessante que o diário de sua viagem, publicado alguns anos depois sob o título *As três Romas*, e do qual Louis Veuillot disse, em seu *Perfume de Roma*, que é «o guia religioso mais verdadeiro e mais completo».

De volta de Roma, Mons. Gaume publicou sua *História da sociedade doméstica*, isto é, da família, na qual, prosseguindo a obra de seu *Catecismo de perseverança*, mostra o que era a mulher antes do cristianismo, o que ela ainda é nos países infiéis, e o que deve à religião que lhe deu sua liberdade, sua dignidade e sua parte de autoridade na família. Voltou muitas vezes, em seus escritos, a esse benefício da fé cristã, que é a base da verdadeira civilização.

Em Nevers, compreenderam-no perfeitamente. Mais de trezentas moças seguiam o catecismo de perseverança. Ao mesmo tempo que lhes dava uma fé inabalável, Mons. Gaume iniciava-as na prática das boas obras. Confiou-lhes o patrocínio das crianças da primeira comunhão, cada uma das quais tinha sua protetora; interessou-as na fundação de um ateliê dirigido pelas Irmãs da Sagrada Família; associou a maior parte delas à Propagação da Fé; pôs-as em correspondência com os catecismos de Constantinopla, Esmirna, Santorini, Beirute, Alexandria e Túnis, dirigidos pelas Filhas da Caridade. Essas moças, de nacionalidades e costumes tão diferentes, rezavam umas pelas outras, conheciam-se e amavam-se sem nunca se terem visto, e escreviam-se em nossa cara língua, que será um dia o laço de todos os povos, para contarem umas às outras os pequenos acontecimentos que as pudessem edificar e interessar. As de Nevers haviam até adotado uma pequena escrava de Constantinopla, que tinham mandado comprar com a idade de três meses, e que mantiveram a expensas suas até seu estabelecimento. Exemplo notável do espírito de caridade e de proselitismo que se pode inspirar às mulheres da França desde a sua primeira juventude, e que teria contribuído para o crescimento da Igreja e para a grandeza de nosso país, se tivesse sido conhecido dos outros catecismos de perseverança de nossas grandes cidades, onde o clero, há meio século, despendeu tanto zelo e fez nascer tão nobres e generosos sentimentos.

Os pobres de Nevers não tinham menor parte na solicitude de Mons. Gaume. Era presidente da obra de São Francisco Xavier para os operários e dirigia a conferência de São Vicente de Paulo; reunia-os regularmente toda semana, comunicava-lhes sua atividade, sua ardente caridade. Amava os operários; escreveu para eles seu excelente livrinho *A profanação do domingo*. Queria fazer-lhes compreender que ela é a ruína da família, da liberdade e da dignidade do operário, e até de sua saúde e de seu bem-estar, ao mesmo tempo que a ruína da religião e da sociedade. Dizia: «Se a profanação do domingo não é a mãe do socialismo, é a sua ama de leite.» Dizia ainda: «A França perece pela profanação do domingo. Todos os oito dias ela se põe em insurreição contra

Deus e lança ao Todo-Poderoso um insolente desafio!» Previa a revolução social que por pouco não eclodiu em 1851 e 1871. As revoluções nascem sempre da violação obstinada de alguma lei divina. «É o último argumento da Providência, dizia ele. A verdade é então mostrada ao homem como foi mostrada no cume do Sinai, ao clarão dos relâmpagos e ao ruído do trovão; ou, como no Calvário, no espanto da humanidade e no abalo de toda a natureza.» Não foi escutado; mas pouco depois, desordens espantosas mostraram aos habitantes de Nièvre a que excessos se podem entregar os profanadores do domingo.

Mons. Gaume foi mais feliz na causa dos clássicos cristãos, que defendeu com muita energia e cuja introdução obteve na maior parte dos colégios católicos; nisso foi ajudado e encorajado pelo cardeal Gousset, por Mons. Parisis, Mons. de Salinis e grande número de outros bispos, e por fim aprovado por Pio IX. Voltou então todos os seus esforços contra a impiedade revolucionária; desmascarou-a em sua grande obra intitulada *A Revolução*, narrando todos os seus crimes e abomináveis deboches desde a origem, no século XV, até o seu triunfo em 89 e 93. Ensinou os cristãos a defender-se de suas seduções servindo-se cada dia das armas de que se serviam os primeiros cristãos contra as seduções do paganismo: o Sinal da Cruz, a água benta, o *Benedicite*, e sobretudo o culto do Espírito Santo, da Eucaristia, da bem-aventurada Virgem Maria e dos santos Anjos; o que fez Pio IX compará-lo a Mons. de Ségur pelo número e pelo encanto de seus livros de piedade.

Mons. Gaume trabalhou assim até a véspera de sua morte, que sobreveio em Paris a 19 de novembro de 1879. Havia muito deixara Nevers, para recolher-se junto de seus irmãos, que também serviam à Igreja com suas publicações. O cardeal prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda o nomeara, em 1872, diretor geral da Obra Apostólica, cujo fim é socorrer os missionários mediante os donativos e os trabalhos das senhoras cristãs. Foi sem dúvida para animá-las que escreveu suas *Biografias evangélicas*, nas quais dá tantos pormenores interessantes e pouco conhecidos sobre os primeiros missionários, que foram os apóstolos e os outros discípulos de Nosso Senhor, e sobre as santas mulheres do Evangelho, que foram as primeiras cooperadoras da Obra Apostólica.

O padre E. Danas.

Prefácio

Duas palavras apenas sobre o título deste opúsculo.

Credo: palavra onipotente. Comparada às maravilhas que opera, a criação do céu e da terra parece um jogo. Com essa só palavra, os primeiros cristãos fizeram recuar o mundo pagão, cansaram os carrascos e venceram os Césares.

Credo: palavra sempre antiga e sempre nova, sempre necessária e sempre eficaz. Só ela pode dar aos filhos a vitória que obteve aos antepassados: *Hæc est victoria quæ vincit mundum, fides nostra* — «e esta he a victoria, que vence ao mundo, a nossa fé» (1 Jo 5, 4).

Credo: palavra odiosa ao inferno, cujos esforços todos se resumem em bani-la da linguagem e arrancá-la do coração dos indivíduos e dos povos.

Refúgio: ao pé do grande São Bernardo, à beira do difícil caminho que sobe ao célebre hospício, há uma habitação de aparência modesta, mas construída em pedra de cantaria, solidamente abobadada e sempre aberta: chamam-na o Refúgio.

É ali que o viajante, surpreendido pela noite ou assaltado pela tormenta, encontra um asilo seguro.

Debalde os ventos desencadeados, sinistros precursores da tempestade, sacodem as florestas ao redor; debalde espessas massas de neve, impelidas em sentidos contrários, escurecem o horizonte; debalde o urso negro ronda a vizinhança, à procura de presa; debalde a avalanche se precipita do flanco das geleiras, rápida como o raio, pesada como uma montanha que desaba: tranquilo sob a sua abóbada de granito, o viajante ri-se do perigo.

Quando os elementos conjurados acalmam seu furor, quando as feras voltam às suas tocas e o céu torna a ficar sereno, ele retoma, agradecido e alegre, o seu caminho escarpado rumo ao convento hospitaleiro.

Mais exposto do que o viajante dos Alpes é o cristão do século XIX. Furacões, tormentas, animais daninhos, avalanches bem mais temíveis ameaçam sua vida, sua verdadeira vida. Cada dia, e quase a cada hora, ele precisa de um refúgio.

Esse Refúgio, encontra-o ele nesta palavra: **Credo**.

Dar-lhe a conhecer a existência, a necessidade, a segurança desse refúgio, para que nas horas de perigo nele se ponha a abrigo, certo de escapar a todos os ataques de seus inimigos, por pérfidos ou violentos que sejam: tal é o fim deste opúsculo.



> *A Fé.* Segundo um afresco de Rafael, século XVI.

Capítulo I — Razão deste escrito

I

Numerosos como os átomos do ar, funestos como os miasmas dos pântanos pestilentos, erros de toda espécie circulam pela Europa moderna. Salvo nos piores dias do antigo paganismo, nada semelhante jamais se viu.

Esses erros alcançam hoje a sua última fórmula. Racionalismo, panteísmo, materialismo, ateísmo, naturalismo, cesarismo, sensualismo, positivismo, socialismo, solidarismo, espiritismo: só o nome deles já espanta.

II

Com uma atividade sem exemplo, a palavra, as artes e a imprensa os propagam. Esses prodigiosos meios de comunicação, desconhecidos dos séculos anteriores ao nosso, parecem ter sido inventados apenas para lhes servir de veículos mais variados e mais rápidos. Cada tarde, mil carros de fogo partem de Paris, de Londres, de Viena, de Berlim, das grandes capitais e até das pequenas, levando carregamentos de doutrinas envenenadas, que depositam em todos os lugares por onde passam.

III

No dia seguinte, sob todas as formas — livros, jornais, revistas, peças de teatro, panfletos, brochuras, canções, gravuras —, todos esses produtos de cérebros delirantes caem sobre a Europa, como nuvens de gafanhotos devastadores sobre o solo africano. Algumas horas depois, penetraram por toda parte. Encontrai-os no salão do rico e na portaria do porteiro; nos cafés, nas tavernas, nas oficinas, até o fundo dos campos, sob o colmo do lavrador, destilando seu veneno nas almas e tornando-se o Evangelho dos povos.

IV

Dessa propaganda universal e incessante, quais são os resultados? A vista do que se passa os manifesta em parte. Que se passa? Os efeitos da aguardente sobre o selvagem, esses monstruosos erros os produzem sobre o civilizado. Fora do catolicismo, o homem atual não se conhece mais. Não sabe nem o que é, nem de onde vem, nem para onde vai. Não sabe nem orientar-se, nem manter-se firme no caminho do justo e do verdadeiro; nem mandar, nem obedecer, nem amar, nem rezar, nem sofrer, nem morrer.

V

Sem forças para afirmar coisa alguma, negar é toda a sua ciência. Hoje ele nega tudo: nega Deus; nega a Providência; nega a Bíblia; nega Jesus Cristo; nega a Igreja; nega o Papa; nega a alma; nega o direito; nega a autoridade; nega a propriedade; nega a família; nega a distinção essencial entre o bem e o mal; nega o presente; nega o futuro; nega a si mesmo.

VI

É em tal abalo de toda crença; no meio dessa confusão de Babel e das trevas assustadoras de uma noite cada vez mais espessa; através dessa saraivada incessante de dardos inflamados; no seio dessa atmosfera profundamente corrompida; entre tantas deserções escandalosas; numa época, enfim, em que Satanás, com um conjunto, uma ciência e um vigor sem exemplo, lança todos os seus aríetes contra o cristianismo e parece preparar uma nova queda da humanidade: é em semelhante meio que deve viver o cristão do século XIX.

VII

Viver, para o cristão, é conservar a sua fé íntegra, inabalável, operante.

Como realizará ele esse milagre?

Fechando os olhos para nada ver, os ouvidos para nada ouvir? Impossível.

Refutando um a um, de palavra ou de pensamento, os inúmeros erros que o assediam e que a cada dia mudam de máscara? Impossível.

VIII

Essa situação, é preciso reconhecê-lo, causa medo e compaixão.

Medo e compaixão, antes de tudo, pelas novas gerações que, não podendo comparar o presente ao passado, adormecem sem desconfiança na ideia de que o mundo está em seu estado normal e de que os perigos de hoje não são nem maiores nem mais numerosos que os perigos de ontem.

Medo e compaixão pelo cristão pouco instruído nas coisas religiosas e todo absorvido pelas preocupações terrenas.

Medo e compaixão por todos, porque, segundo aparências demasiado sólidas, o que vemos não é senão o começo das dores.

IX

Que fazer para salvar os que ainda querem ser salvos?

Proporcionar-lhes um refúgio: um refúgio seguro e aberto a todos; um escudo fácil de carregar e à prova das melhores armas do inimigo; uma âncora de misericórdia que mantenha imóvel a sua barca em meio às ondas agitadas e a preserve do terrível naufrágio em que tantos outros perecem e perecerão.

Salvo engano, não é um tal serviço, hoje, a primeira das esmolas, a mais urgente das necessidades?

X

Qual será esse refúgio, esse escudo, essa âncora de salvação? O raciocínio?

Não.

Num século em que o sofisma é rei, o raciocínio não tem valor algum, ou pouco. Com o bisturi numa das mãos e o apagador na outra, o primeiro sofista que aparece ataca os argumentos mais sólidos. Obscurece-os, disseca-os, desnatura-os, ilude-os e acaba por entregá-los à zombaria da multidão, ignorante ou letrada.

Que é preciso, então?

Fatos?

De que natureza?

Fatos que, de um lado, ofereçam um ponto de apoio inexpugnável ao cristão assaltado pela dúvida e que, de outro, encerrem o campeão do erro num círculo de ferro, do qual só possa sair por duas saídas: a FÉ ou a LOUCURA.

XI

Em vez de muitos, entende-se que o melhor seria ter apenas alguns fatos. Um só, se pudesse bastar, seria a perfeição.

Ora, esse fato existe; e sobre esse único fato repousa imóvel, como a cidadela edificada sobre a rocha, o Credo do cristão.

Imenso, ele enche o mundo e se impõe por si mesmo à fé da humanidade.

Luminoso como o sol, não exige, para ser compreendido, nem raciocínio, nem estudo, nem fadiga: pede apenas olhos.

Inflexível como um axioma de geometria, não deixa subterfúgio algum ao erro.

Inabalável como as pirâmides do deserto, é uma fortaleza de onde a jovem cristã de quinze anos pode desafiar todos os ataques do sofisma, qualquer que seja o cérebro que o engendra, os lábios que o exprimem ou a mão que o escreve.

Temível como um exército disposto em ordem de batalha, foi sempre, é ainda e será eternamente o pesadelo do incrédulo.

Qual é esse fato?

Vamos dizê-lo.

Capítulo II — O grande fato

I

Eis o fato.

Diante desse gigante do mundo moral encontram-se igualmente, sem poder evitá-lo, o crente e o incrédulo.

Para compreender o valor desse fato estonteante, é preciso decompô-lo e estudá-lo peça por peça, em si mesmo e em suas consequências.

II

O Mundo. E que mundo? É o mundo das luzes. É a Europa, a América, a porção inteligente da Ásia e da África. É a eterna pátria dos grandes homens e dos grandes povos; a terra nutriz do gênio, da ciência, da literatura e das artes. Em uma palavra, é, sem contradita, a parte mais esclarecida, ou mesmo a única esclarecida, do gênero humano, e a menos disposta a deixar-se seduzir pela impostura e dominar pelos preconceitos.

III

Esse mundo adora. Que quer dizer isto? Quer dizer que ele crê, com uma fé inabalável, que um Judeu crucificado é Deus, o Criador do mundo, o Moderador dos impérios, o Eterno, o Todo-Poderoso, o Juiz supremo dos vivos e dos mortos.

Em consequência, presta-lhe um culto soberano e não o presta senão a ele. Só a ele levanta templos e oferece sacrifícios. Só para ele faz subir seus votos e suas ações de graças. Só nele põe suas esperanças. Só dele espera todos os bens. Só para ele é o seu amor: amor manifestado por sacrifícios de toda espécie, mesmo os mais custosos à natureza.

IV

Um Judeu crucificado. O objeto desse culto universal, brilhante, invariável, da elite do gênero humano, é um Judeu crucificado. Que é um Judeu? Na época em que viveu o Judeu adorado, Jesus de Nazaré, os Judeus eram o ridículo do resto do mundo. Baixeza, ignorância, superstição, velhacaria eram sinônimos de seu nome. A prova está nos autores pagãos, como Cícero, Horácio,

Tácito, Suetônio, Marcial.

Longe de modificar a opinião em favor deles, o tempo a tornou mais hostil. De ridículos, os Judeus tornaram-se odiosos. Durante dezessete séculos, o Judeu foi confinado nas cidades cristãs, como um ser perigoso e impuro. Na França, há menos de oitenta anos, liam-se nas grades de certos passeios públicos as palavras: *O Judeu e o porco não entram aqui.* Na África, o árabe maometano ainda pode impunemente insultar o Judeu, puxá-lo pela barba, bater-lhe, cuspir-lhe no rosto.

V

Para mudar essa antipatia universal, a emancipação moderna é impotente. Do Judeu ela pode fazer um cidadão; jamais fará dele um francês, um alemão, um inglês. Diante da lei, igual aos demais habitantes, o Judeu não o é na estima pública. Esta só lhe vem na proporção em que deixa de ser Judeu. Isso é tão verdadeiro que ainda hoje, para pintar numa só palavra um traidor, um velhaco, um usurário, diz-se: É um Judeu. O próprio Judeu enrubesce de chamar-se Judeu, tanto sente aviltado esse nome. Afeta outro, o de Israelita.

VI

Jesus de Nazaré não é apenas um Judeu, é um Judeu crucificado. No tempo em que a sofreu, a crucifixão era, de todos os suplícios, o mais ignominioso. «Para os escravos, os salteadores, os assassinos, os sediciosos, o suplício era a cruz. Ficavam ali pendurados até morrerem de fome, de sede, de dores; depois da morte, pasto dos cães e dos corvos.»[^1]

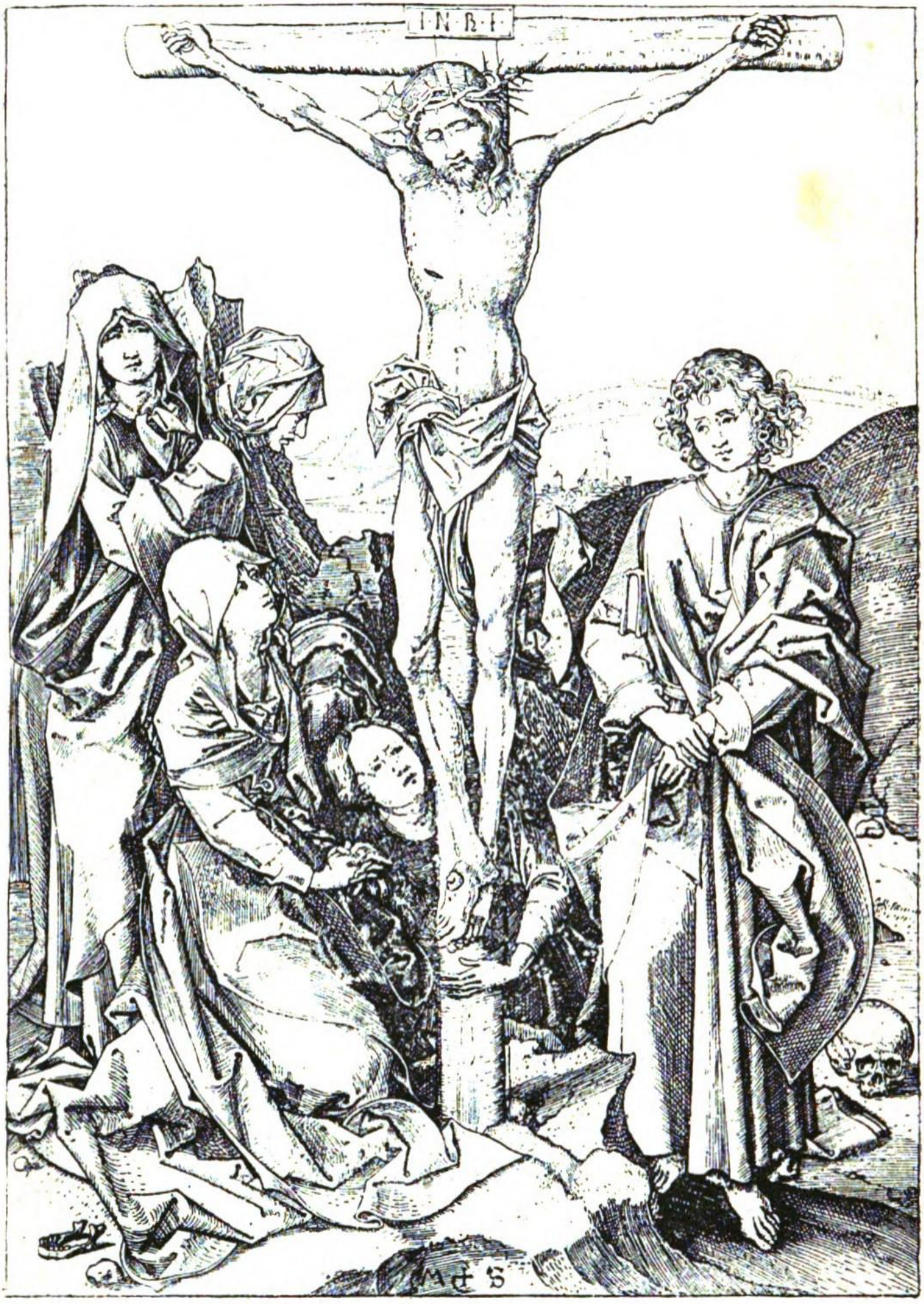
VII

Assim, quem diz Judeu crucificado diz tudo o que há de mais vil entre os mais vis, de mais maldito entre os malditos, de mais difamado entre os difamados, o próprio opróbrio da plebe e o último refugo das nações.

Segue-se daí que, ao adorar um Judeu crucificado, o mundo, e o mundo civilizado, é ao mesmo tempo ator e testemunha de um fato que ultrapassa os últimos limites do absurdo: UM VERME SOBRE OS ALTARES DO GÊNERO HUMANO![^2] Eis o fato.

[^1]: *Servorum, latronum, sicariorum et seditiosorum supplicium crux erat, cui illi affigebantur, et in ea pendebant, donec fame, siti, doloribus enecarentur, post mortem suam canum et corvorum relicti cibus. Itaque supplicio illo non aliud apud Romanos infame magis et acerbum magis.* («A cruz era o suplício dos escravos, dos salteadores, dos sicários e dos sediciosos; eram nela pregados e ficavam pendurados até morrerem de fome, de sede e de dores, e depois da morte eram deixados como pasto de cães e de corvos. Por isso, entre os romanos, nenhum suplício era mais infamante nem mais cruel.») — Lamy, *Dissert. de Cruce*, § 1, p. 573.

[^2]: *Vermis et non homo.* — «Mas eu sou bichinho, e não homem» (Sl 21, 7).


I N R I

O mundo adora um Judeu crucificado. Segundo a obra de Martin Schongauer (século XV), reproduzida por Amand-Durand.



O culto dos ídolos. Segundo uma gravura do *Dicionário da Bíblia*, de dom Calmet, Paris, 1722. — O apego dos pagãos à sua religião era um obstáculo humanamente intransponível ao estabelecimento do cristianismo. (Ver o texto,

> p. 30.)

Capítulo III — História desse fato

I

Quando e como se produziu o estranho fenômeno que temos diante dos olhos?

Esse fato remonta a dezoito séculos. Mil vezes por dia, o mundo atual o proclama. Séculos, anos, acontecimentos históricos, tratados de paz ou de guerra, contratos civis, transações comerciais, atos quaisquer da vida pública ou da vida privada: tudo nele data daí. Negar o sol não seria mais insensato que negar esse primeiro fato.

Ora, há dezoito séculos, o mundo inteiro, com exceção dos Judeus, adorava milhares de divindades. Negar o segundo fato não é menos impossível que negar o primeiro.

II

Para destronar esses milhares de deuses e substituí-los, no culto do gênero humano, pelo Judeu crucificado, era preciso primeiro derrubar o judaísmo e o paganismo. Em outras palavras, tratava-se de declarar guerra a todos os povos e de atacá-los no que há de mais sagrado no fundo do coração humano: o sentimento religioso.

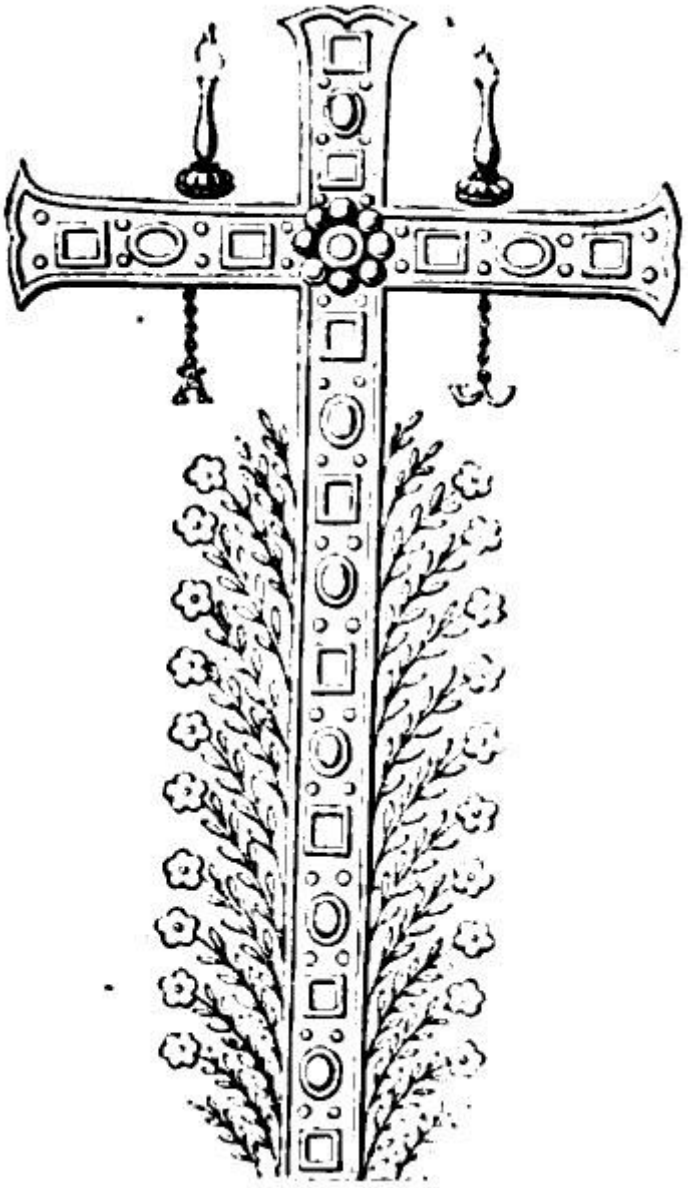
Entre os Judeus e entre os pagãos, o sentimento religioso era tanto mais forte quanto se confundia com os preconceitos mais lisonjeiros para o orgulho nacional. Todos acreditavam suas instituições políticas inviolavelmente ligadas à conservação de sua religião.

III

Com a história na mão, os Judeus provavam que as prosperidades e os reveses de sua nação sempre haviam vindo de sua fidelidade ou de sua infidelidade a Jeová.

Fiada nos oráculos, Roma, senhora do mundo, olhava o culto de seus deuses como a causa de seus sucessos e o penhor da duração eterna de seu império.

Assim, por qualquer ponto de vista que se a considere, a empresa é um tecido de dificuldades maiores umas que as outras.



> **Cruz ornada, dita de São Pôncio.** Afresco das Catacumbas.

Capítulo IV — Primeira dificuldade: Destruir o judaísmo

I

A empresa apresenta duas fases: a fase de destruição e a fase de reconstrução. Abolir a religião de todos os povos e substituí-la por outra: duplo aspecto sob o qual é preciso estudar essa imensa revolução.

Relativamente ao resto da humanidade, os Judeus eram em pequeno número, é verdade; mas tinham pela sua religião um apego muito vivo, muito fundado, muito interessado.

II

Apego muito vivo. Havia vários séculos, estavam radicalmente curados da sua inclinação à idolatria. Antes que renunciar à lei de Moisés, haviam sofrido, da parte dos reis da Síria, as pilhagens, as devastações, as afrontas e toda sorte de maus-tratos. Em defesa de sua fé, muitos haviam derramado o sangue nos campos de batalha, sob a direção de Matatias e de seus filhos; outros, como Eleazar e os Macabeus, a haviam generosamente confessado diante dos tiranos e, antes que a abjurar, deixaram-se matar em meio aos mais horríveis suplícios.

III

Apego muito fundado. O judaísmo era a religião verdadeira. Tinha o próprio Deus por autor; os patriarcas e os profetas, glória da nação, por intérpretes; os próprios Judeus por únicos depositários. Jerusalém era a cidade santa por excelência. Seu templo, o único santuário do mundo onde o verdadeiro Deus acolhia as adorações dos homens e dava os seus oráculos. Uma longa série de prodígios servia de fundamento a essa religião. A fidelidade dos filhos de Israel a essa lei descida do céu fora a fonte de bênçãos inumeráveis. Merecera-lhes as boas graças dos mais soberbos conquistadores; fazia ainda a sua superioridade sobre os outros povos.

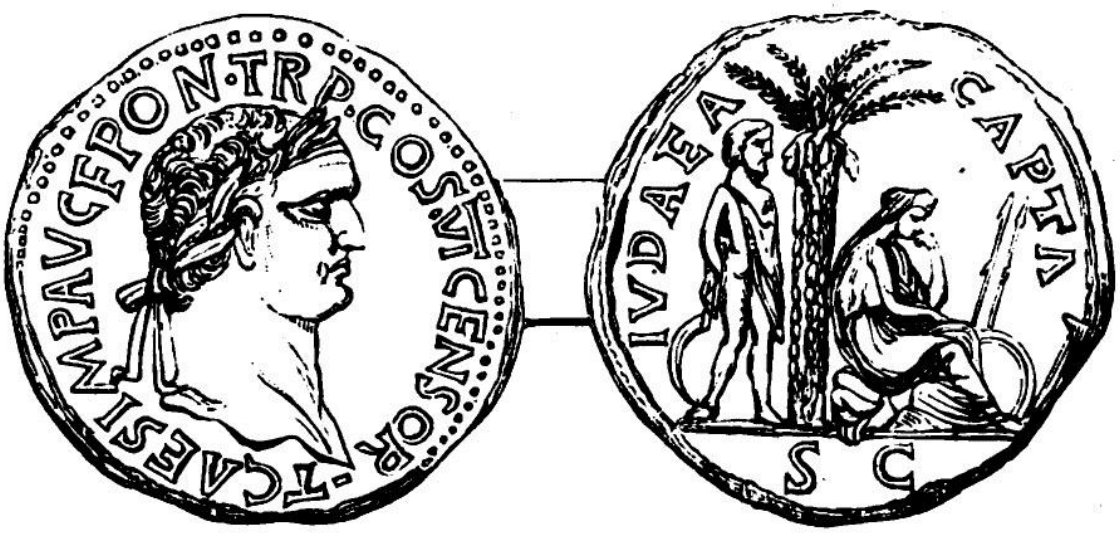
IV

Apego muito interessado. A interpretação mentirosa dada às profecias pelos fariseus lisonjeava de tal modo o orgulho nacional que se tornara a base de todas as esperanças. Com obstinação fanática, os Judeus esperavam um Messias conquistador, que os livrasse do odioso jugo dos gentios, lhes pusesse nas mãos o cetro do universo e fizesse reviver, com novos esplendores, os belos dias do reinado de Salomão.

V

Ora, era preciso persuadi-los de que a interpretação farisaica das profecias era um erro; sua expectativa de um Messias conquistador, uma quimera; sua religião, uma sombra vã que ia ceder lugar à realidade; seu título, até então exclusivo, de povo de Deus, um título que devia ser partilhado por todos os povos.

Era preciso persuadi-los de que seu ódio e seu desprezo hereditários pelos gentios eram dois sentimentos culpáveis, a serem substituídos por um amor de irmãos, sem restrição nem reserva. Por conseguinte, deviam passar por cima das proibições da lei de Moisés, que lhes vedava todo comércio religioso com os pagãos, e, sob pena de condenação eterna, adorar com eles, num mesmo culto, nos mesmos templos, um homem julgado, condenado, supliciado, de comum acordo, por eles e pelos pagãos, como insigne malfeitor, e reconhecê-lo como o único Deus do céu e da terra.



> **A Judeia conquistada.** À esquerda, a efígie de Tito, vencedor de Jerusalém; à direita, a Judeia cativa sentada sob uma palmeira. Gabinete de medalhas, Paris.

Capítulo V — Segunda dificuldade: Destruir o paganismo

I

Os pagãos não se mostravam menos apegados que os Judeus à sua religião. Para elevar esse apego ao mais alto grau, ao sentimento religioso juntava-se o interesse das paixões. Longe de as constranger, o paganismo lisonjeava todas as inclinações mais caras ao homem decaído. O espírito não era obrigado a curvar seu orgulho sob o jugo de mistérios impenetráveis. Nenhuma autoridade o obrigava, aliás, a receber como regra de crença o que lhe aprazia rejeitar.

II

A moral do paganismo não era mais incômoda que o dogma. Deixava o coração completamente livre em suas afeições. Os desregramentos para os quais o homem sente tão imperiosa inclinação eram não somente permitidos, eram honrados: concediam-se-lhes até recompensas. Que digo? Consagrados pelo exemplo dos deuses, eram de algum modo obrigatórios. Os excessos de intemperança e de luxúria formavam o fundo dos mistérios de Baco, de Cibele e de Vênus. Entregar-se à prostituição pública era um ato de religião.

III

A ideia de uma vida futura não espalhava amargor algum sobre os prazeres da vida presente. Para a maioria dos pagãos, a morte era o retorno ao nada. Os mais hábeis admitiam a transmigração sucessiva das almas, que acabavam todas por chegar à felicidade. Em seu Tártaro, mais ou menos eterno, só se puniam certos crimes monstruosos, pelos quais os homens têm naturalmente horror e que quase todos evitam sem esforço. As demais desordens não fechavam a entrada dos Campos Elísios.[^1]

IV

O culto do paganismo não era menos atraente que o seu dogma e a sua moral. Para honrar os deuses, ia-se a templos soberbos. Sacerdotes, magnificamente vestidos, imolavam vítimas ornadas com pompa. Adolescentes de um e de outro sexo, trajados de longas vestes brancas e coroados de flores, serviam de ministros.

Os imperadores, os cônsules, os magistrados, os senadores, com as insígnias de sua dignidade, realçavam com sua presença o brilho das cerimônias. O ar estava cheio de doces perfumes, queimados com profusão. As mais belas vozes e os instrumentos mais agradáveis formavam concertos arrebatadores. O sacrifício era seguido de banquetes, de danças, de jogos, de combates de gladiadores, de iluminações, de espetáculos feéricos. A essas festas religiosas, Roma consagrava quase metade do ano.[^2]

V

Acrescentai que tudo o que pode autorizar um culto apoiava essa religião tão cômoda. Sugara-se-a com o leite; olhava-se-a como a mais preciosa herança dos antepassados. Os povos estimavam que sua felicidade estava ligada a ela; faziam dela o fundamento de suas repúblicas e de seus Estados. Era-lhes tão cara que combatiam em sua defesa com mais ardor do que pela própria vida.

VI

Essa religião era tão antiga que sua origem se perdia na noite dos tempos. Cria-se que começara com o mundo e que os próprios deuses eram os seus autores. Todos os séculos, todas as nações lhe davam testemunho. Os maiores oradores a vingavam dos ultrajes que se ousava fazer-lhe, e muitas vezes os deuses faziam explodir sua cólera contra os profanadores por castigos exemplares. Os generais de exército, os mais soberbos conquistadores não ousavam partir para suas expedições sem ir solenemente invocar os deuses, em cujos templos vinham, na volta, pendurar os troféus de suas vitórias.

VII

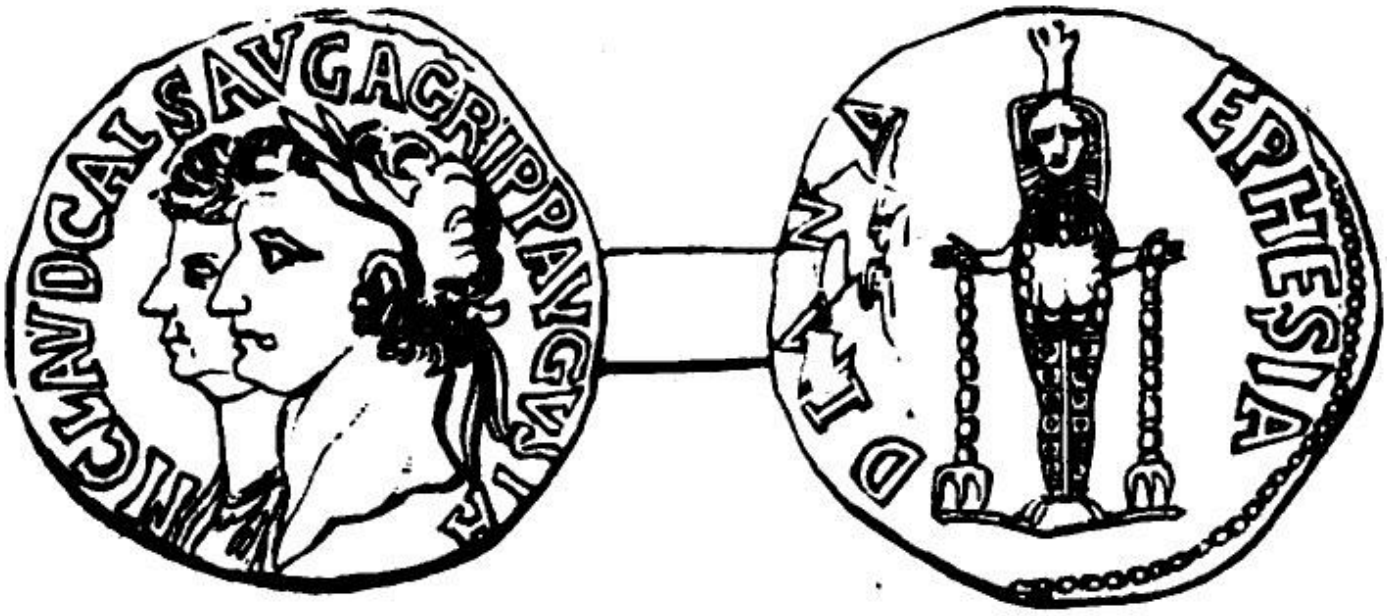
Se os deuses faziam sentir sua cólera, faziam também experimentar sua poderosa proteção. O mundo estava coberto de templos cheios de inscrições que perpetuavam a lembrança de seus benefícios e o reconhecimento dos que os haviam recebido. As histórias estavam cheias de seus prodígios. Tal era a confiança que inspiravam seus oráculos que não se ousava empreender coisa alguma sem os ter consultado.

Havia mais de dois mil anos que tudo o que o Oriente e o Ocidente conheciam de mais distinto fora em procissão a certos templos, famosos pela contínua série de prodígios que ali se realizavam todos os dias e onde os deuses apareciam sob forma humana.

Os versos sibilinos prometiam a Roma que conservaria o cetro do mundo enquanto observasse suas antigas cerimônias; e essa cidade mostrava zelo ardente em sustentar uma religião que lhe assegurava tão grandes destinos.

Assim é que o céu e a terra, os deuses e os homens concorriam para firmar o paganismo.

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.



> **Representação do ídolo de Diana de Éfeso.** No anverso, as cabeças do imperador Cláudio e de Agripina. Medalha publicada por Ackerman.

Capítulo VI — Terceira dificuldade: Estabelecer o cristianismo

I

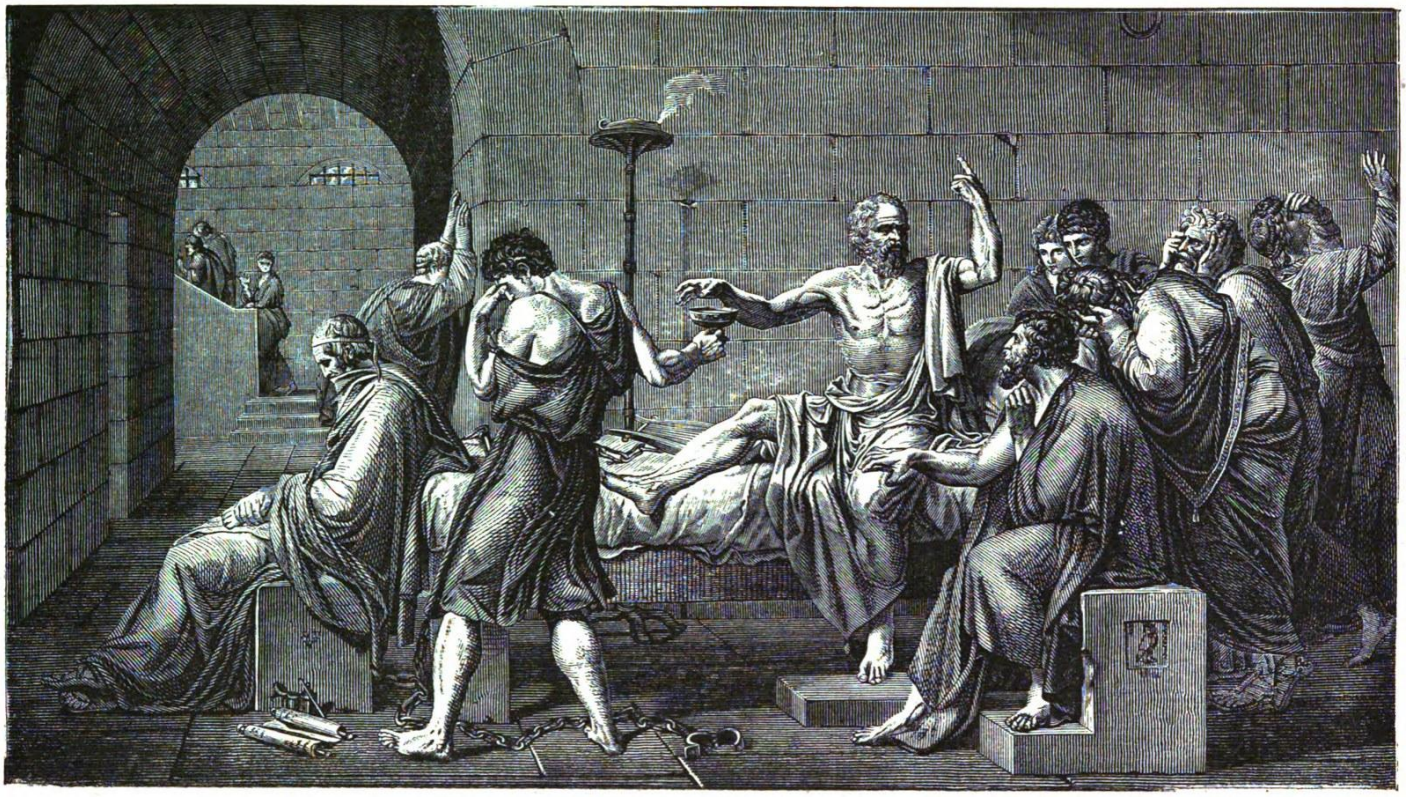
Destruir o judaísmo e o paganismo não era senão a primeira e a menos difícil parte da empresa. Sobre as suas ruínas, erguer o cristianismo era a segunda. Ora, que era o cristianismo? Era a adoração de um Judeu crucificado, substituindo em todos os altares do mundo o eterno Jeová e o grande Júpiter. Era, para o Judeu como para o pagão, o mais monstruoso sacrilégio. Era a inversão completa da razão e a mais flagrante loucura. Para os menos hostis, o cristianismo era uma religião nova, absurda, impossível, de antemão desacreditada pelo suplício ignominioso de seu autor e desprezível pela obscuridade de seus adeptos.

II

Para muitos, tanto entre os Judeus como entre os gentios, o cristianismo era algo ainda mais odioso. Era a aparição formidável da verdade, dessa verdade acusadora que o homem teme como um flagelo, porque condena suas obras de trevas, o fatiga com suas impiedosas luzes e o persegue com seus implacáveis remorsos. Quais não terão sido o pavor, o estremecimento, a raiva de todos esses homens de coração corrompido, de que o mundo estava cheio, quando reconheceram essa rainha absoluta, que vinha reivindicar seus direitos usurpados![^1]

III

Se o homem a quem chamam o mais sábio dos filósofos, Sócrates, foi, dizem, condenado a beber a cicuta por ter ousado lembrar uma só dessas verdades reformadoras, como serão acolhidos os que vierem proclamá-las todas, com uma autoridade que não permite réplica?

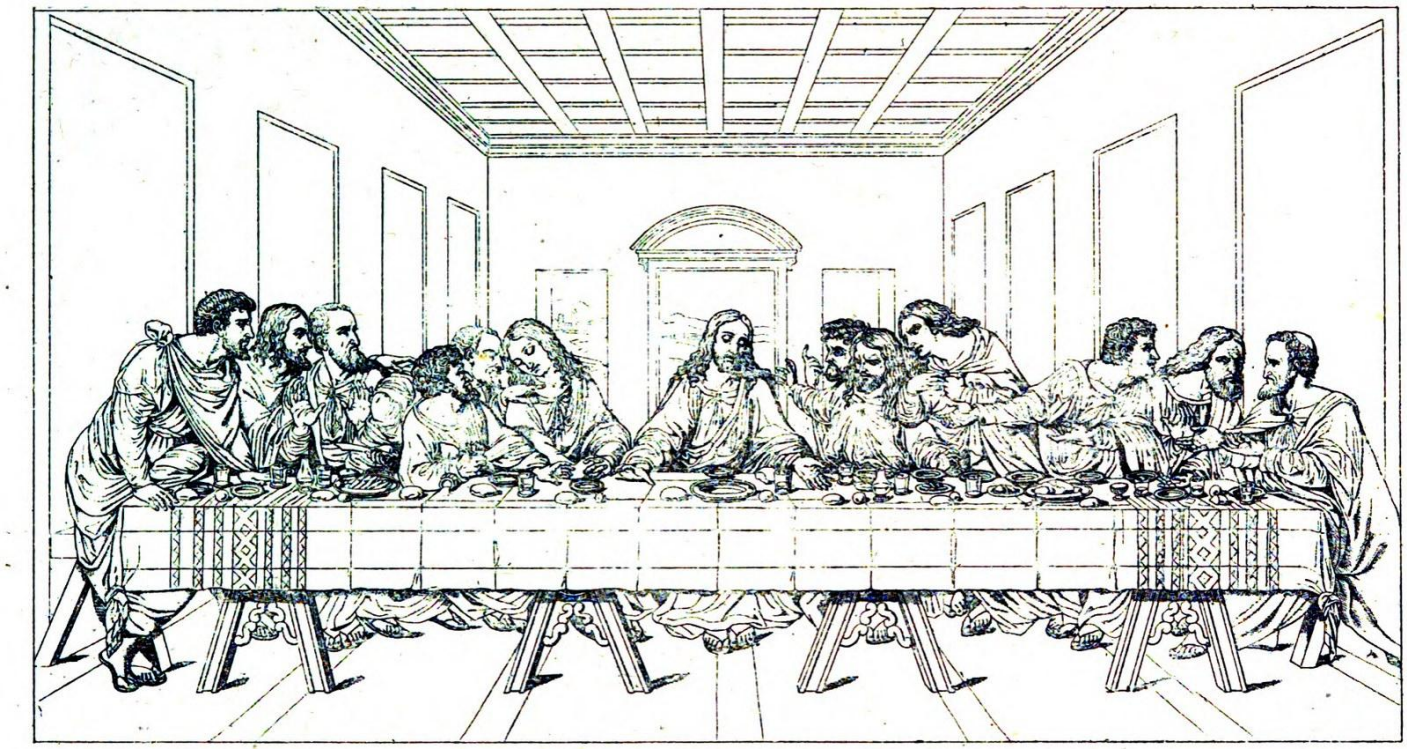


> **A morte de Sócrates.** Segundo David, século XVIII. (Ver o texto, p. 35.)

Assim, por uma coincidência inaudita, tanto a ignorância do vulgo como a ciência dos sábios conspiravam com igual força contra o estabelecimento do cristianismo.

IV

É preciso dizê-lo: seu mais temível cúmplice era o próprio cristianismo. Em seu dogma, era uma religião toda eriçada de mistérios incríveis. Pregava um Deus judeu, e Judeu crucificado; um Deus único, e três pessoas nesse Deus; um Deus homem, nascido de uma virgem; um Deus que se come sob a forma de um pedaço de pão, que se bebe sob a aparência de algumas gotas de vinho, e cem outros dogmas igualmente ridículos aos olhos da razão. Todos esses dogmas era preciso admiti-los sem dizer palavra, e com tanta convicção que se devia estar pronto a morrer por defendê-los, sob pena de cair, ao sair da vida, nas brasas eternas.



> **A instituição da Eucaristia.** Quadro de Leonardo da Vinci, no convento das Graças, em Milão, século XV. — «Tomai, e comei: este he o meu corpo» (Mt 26, 26); «Este he o meu corpo, que se dá por vós» (Lc 22, 19). (Ver o texto, p. 35.)

V

Em sua moral, era uma religião assustadora de severidade e de austeridade. Assustadora de severidade: não se contentava em condenar as ações culpáveis; proscrevia as palavras, os olhares, os menores gestos opostos a alguma das virtudes que pregava, e as pregava todas. Descendo até o fundo das consciências, ia buscar a fibra mais delicada e a arrancava sem piedade. A seus olhos, o pensamento do mal, fugaz mas consentido, era um crime punível com uma eternidade de suplícios.

VI

Assustadora de austeridade: só falava de crucifixão, de lágrimas, de mortificações, de jejuns, de vigilância contínua, de combates contra si mesmo, de confissões humilhantes e de cem outras práticas mais incômodas e, na aparência, mais absurdas umas que as outras.

Para citar apenas um exemplo. Dizia-se a um homem que pedia para ser cristão: «Se quereis ser da nossa religião, é preciso despir-vos. — Despir-me! Quem? Eu? Um homem honrado, um príncipe, um imperador, um Constantino, despojar-me? Estais zombando de mim ao dizer-me isso? — Sim, é preciso ficar em camisa na presença de um de vossos vassalos e pedir-lhe que vos

mergulhe na água, e não somente até o pescoço, mas até acima da cabeça.» Assim se batizava na Igreja primitiva.[^2]

Ordenava, além disso, a observância de leis desconhecidas, contrárias aos costumes mais antigos, aos preconceitos mais universais, tais como o perdão das injúrias, o amor dos inimigos, a fraternidade de todos os homens e sua igualdade diante de Deus: isto é, atacava no coração todo o mundo antigo, cuja base social era a escravidão.



> **A Santíssima Trindade.** Quadro de Alberto Dürer (1511). Museu Imperial de Viena. (Ver p. 35.)

VII

Em seu culto, não inspirava menos repulsa. As magníficas igrejas, as brilhantes solenidades, as cerimônias imponentes que hoje cativam os sentidos e atraem os corações eram desconhecidas do cristianismo primitivo. Era uma religião pobre que, em vez de festas pomposas, de danças, de banquetes, de jogos do circo, de espetáculos do anfiteatro, só oferecia imagens lúgubres, lembranças sangrentas, leituras sérias, instruções e orações cujo objeto nada tinha de lisonjeiro para os sentidos. Era uma religião toda espiritual e toda de futuro. Como recompensa, só prometia neste mundo o desprezo dos sábios, o ódio dos povos, a espoliação, a morte sob as formas mais terríveis; e, depois da morte, bens invisíveis dos quais o homem não pode fazer ideia.

VIII

Que o mundo antigo tenha aceitado o paganismo sem resistência e até com solicitude; que a ele se tenha mostrado fortemente apegado, concebe-se. Estabelecer o paganismo era abrir, diante da torrente das paixões, os diques que a retêm. Ao contrário, estabelecer o cristianismo é não somente deter a torrente, mas ainda fazê-la remontar à sua fonte. Apegar-se ao paganismo era adorar as inclinações mais imperiosas e mais caras. Apegar-se ao cristianismo era crucificar-se vivo. Se a primeira empresa nada oferece de difícil, a segunda é um desafio lançado a todas as forças humanas.

IX

Pela mesma causa explicam-se os êxitos de Maomé. À frente de exércitos fanáticos, o cameleiro de Meca apresenta-se ao árabe ignorante e corrompido; depois, com o sabre numa das mãos e a taça dos prazeres na outra, diz-lhe: «Crê ou morre.»

Na fé que exige durante a vida está a autorização de pilhar, de matar, de reduzir à escravidão tudo o que não é crente; depois da morte, o penhor de todos os prazeres sensuais num paraíso de voluptuosidades. Concebe-se ainda que, lisonjeando as paixões, o maometismo tenha podido granjear inumeráveis partidários. Para obter semelhante resultado, não é preciso ser nem deus, nem taumaturgo, nem santo, nem profeta.

X

O mesmo se dá com todas as pretensas religiões que apareceram no mundo. Nenhuma houve que não tenha devido sua origem, seus progressos e sua duração à emancipação de uma das três

concupiscências do coração humano: o orgulho, a cobiça, a volúpia.

Menos oposta é a luz às trevas do que o cristianismo a todas essas falsas religiões. Só ele não pactua com fraqueza alguma; só ele ataca de frente todos os vícios e todas as inclinações corrompidas; só ele prega todas as virtudes e ordena todos os gêneros de sacrifícios.

Tal é, cumpre repeti-lo, a religião que se tratava de estabelecer.



> Tirado de um manuscrito latino da Biblioteca Nacional, século XI. «Deus fez tudo com ordem, peso e medida» (cf. Sb 11, 21: «Mas tôdas as coisas dispuseste com medida, e conta, e pêso»).

[^1]: *Illuminans tu mirabiliter a montibus æternis, turbati sunt omnes insipientes corde.* — «Fazendo brilhar a tua luz maravilhosa desde os montes eternos: todos os nescios de coração ficárão perturbados» (Sl 75, 5-6).

[^2]: O Padre Lejeune, *Sermão sobre o estabelecimento da Fé*, t. V, p. 511 *(a numeração da página está ilegível no OCR; conferir no PDF)*.

Capítulo VII — Quarta dificuldade: A extensão da empresa

I

A quem se pretende impor essa assustadora religião? A algumas aldeias isoladas, ignorantes, semisselvagens?

Não.

A algumas pequenas cidades do Oriente ou do Ocidente, igualmente alheias às luzes e à corrupção do resto do mundo?

Não.

Aos povos bárbaros somente, e não aos egípcios, aos gregos, aos romanos, os príncipes da civilização?

Não.

II

Trata-se de pregá-la a todos os povos sem exceção, ao Oriente e ao Ocidente, ao universo inteiro. A empresa não terá outros limites senão os do mundo. Os gelos do Norte, os fogos do Meio-Dia, a imensidade do Oceano, a aspereza das montanhas, as areias dos desertos serão barreiras impotentes para deter o seu curso. O colossal império dos Césares, que se crê, ele só, o universo inteiro, não deve formar senão uma parte dessa Igreja que se quer estabelecer. O romano soberbo, o asiático amolecido, o voluptuoso indiano, o mouro estúpido, o altivo germano, o cita feroz, todos entram nesse projeto.

III

O pretenso império dos climas, a diversidade das raças, a antipatia dos espíritos, o ciúme da glória, a rivalidade de domínio, a oposição de interesses, a diferença dos costumes, os vícios característicos das nações não devem impedir que todos os povos se reúnam numa mesma sociedade, adotem a mesma fé, pratiquem o mesmo culto, exercitem-se nas mesmas virtudes e se considerem como irmãos.[^1]

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.



> **Afresco das Catacumbas.** A pomba simbolizava a alma do fiel. Levando o ramo de oliveira, sai triunfante do combate pela fé; sob a outra forma... *(legenda truncada no original/OCR)*

Capítulo VIII — Quinta dificuldade: O tempo

I

Que tempo se escolhe para pregar essa inconcebível loucura e impor essa religião, não menos severa em sua moral do que absoluta em seu dogma?

Sem dúvida algum desses séculos fabulosos de que falam os poetas, em que os homens, dispersos pelas florestas, sem instrução, sem luzes, sem defesa, estavam dispostos a crer em todas as fantasias anunciadas por hábeis impostores; séculos de ouro, em que, sem paixões como sem vícios, os habitantes da terra não encontravam em si nenhum obstáculo a receber o jugo da moral, por pesado que fosse?

Não.

Escolhe-se o século de Augusto: século perfeitamente histórico.

II

Que era o século de Augusto? O século pagão mais esclarecido e mais corrompido; o século da civilização material mais avançada; o século dos oradores, dos poetas, dos filósofos, dos guerreiros, homens tão grandes em todos os gêneros que uma admiração fanática continua a dá-los à juventude por mestres e modelos; mas também homens cujos deboches parecem hoje fabulosos e a quem a só ideia de dever ou de coação bastava para pôr em fúria.

III

Praticar o roubo, a usura, as concussões, o vício infame sob todas as formas e com requintes inauditos era o seu estudo, a sua vida, o seu triunfo. Fazer devorar por exércitos de tigres, de leões e de panteras milhares de homens, ou fazê-los degolar-se uns aos outros, era o seu prazer.

Esse prazer era tão habitual que o sol não se levantava uma vez sequer sem o iluminar em algum ponto do globo; tão inebriante que a ele se sacrificavam montanhas de ouro, e que se tinha a certeza, prometendo-o ao povo, de chegar, fosse-se o último dos miseráveis, às primeiras

dignidades do império.

IV

Mudar leões em cordeiros, ou pedaços de granito em filhos de Abraão, não é mais difícil, todos o reconhecerão, do que fazer aceitar a tais homens, em tal século, o dogma e a moral do cristianismo.



> **O peixe carregando o cesto.** Símbolo de Jesus Cristo, instituidor do Sacramento da Eucaristia. Afresco das Catacumbas.

Capítulo IX — Sexta dificuldade: Os caluniadores

I

Mal o cristianismo apareceu, milhares de vozes caluniadoras se ergueram contra ele, seguiram-no, acompanharam-no, precederam-no em todos os seus passos, arruinando suas primeiras conquistas e tornando impossíveis as que meditava. Divididos em tudo o mais, os Judeus e os pagãos se tinham unido para formar esse concerto formidável, que ressoava em todos os ecos do Oriente e do Ocidente.

II

Homens de nada, renegados, blasfemadores, sediciosos, destruidores da verdadeira religião, inimigos do povo de Deus, perturbadores do repouso público, profanadores da Escritura, fanáticos que levavam sua sacrílega audácia até substituir o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó por um insigne malfeitor, juridicamente condenado e morto por seus crimes pela mão do carrasco: tal era, com muitas outras injúrias, a definição que os Judeus davam dos cristãos.

III

Os cristãos, diziam por sua vez os pagãos, são ateus cuja impiedade provoca a cólera dos deuses imortais; mágicos tenebrosos que, para melhor ter êxito em seus criminosos desígnios, não querem entre si nem sábios nem homens virtuosos, nem nobres nem ricos, mas somente tolos, ingênuos, pobres, crianças, mulherzinhas, escravos, facínoras, como os que inventaram essa abominável superstição e cujo chefe, entregue a Pilatos por sua própria nação, sofreu com justiça o suplício infame da cruz; monstros de rosto humano que, em seus banquetes noturnos, degolam uma criança, cujo sangue bebem e cuja carne palpitante comem com deleite, depois do que se mergulham nos mais infames deboches.

IV

Essas calúnias e mil outras haviam de tal modo prevalecido que o nome de cristão se tornara o de todos os crimes, de sorte que bastava trazê-lo para ser, sem exame algum, julgado digno de todos os suplícios e do ódio do gênero humano. Acusados desse crime, que os encerrava todos, Nero

mandou queimar deles uma enorme multidão: *multitudo ingens*. Quando os levavam à morte, um arauto os precedia gritando: «É um cristão, um inimigo dos imperadores e dos deuses», *Christianus, inimicus Deorum et Imperatorum*. E isso bastava para extinguir todo sentimento de piedade para com eles.

Capítulo X — Sétima dificuldade: Os hereges

I

Perseguido pelo ódio universal, o cristianismo não tinha recurso senão na estreita união de seus membros. De repente, um obstáculo, o mais penoso talvez, forma-se no seio da própria nova religião.

II

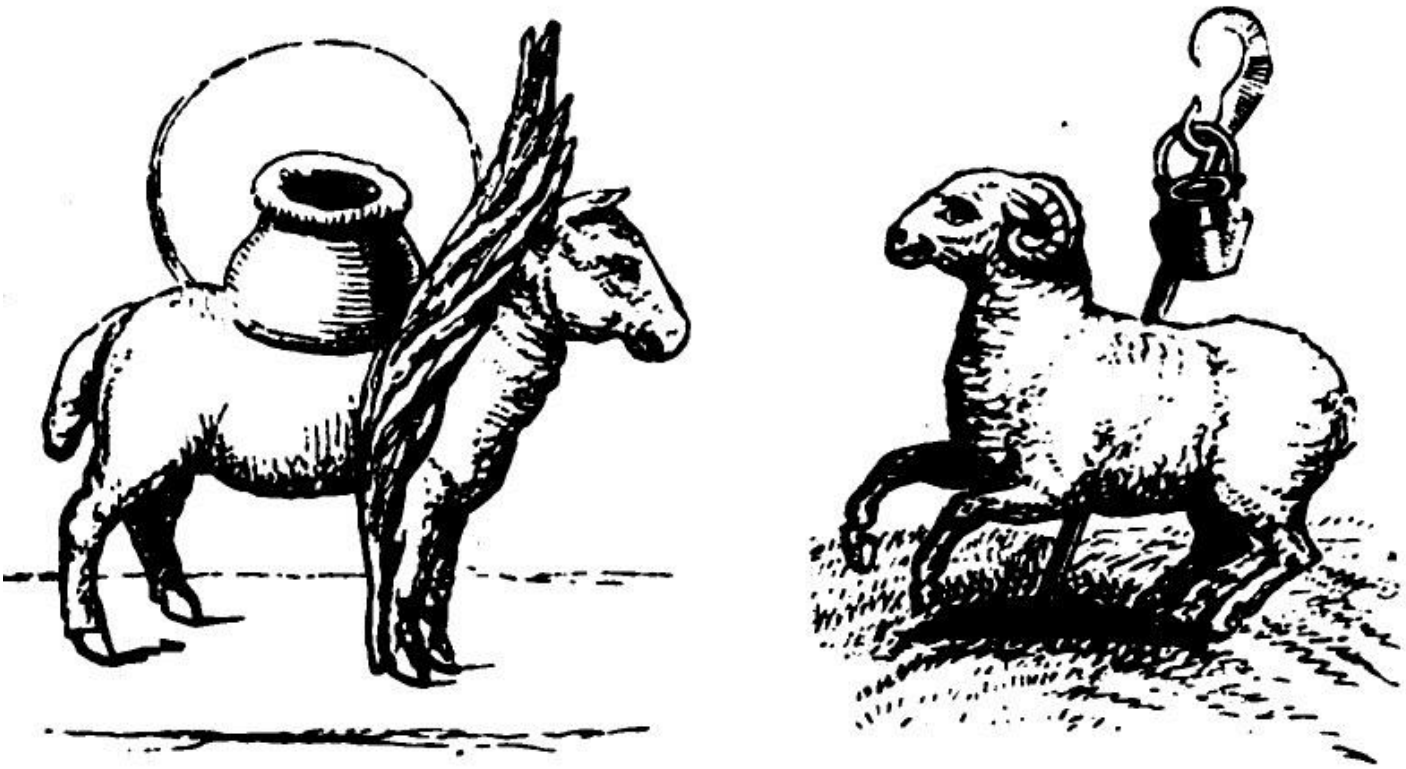
A divisão se instala entre os cristãos: aparecem os hereges. A poucos passos do cenáculo, de onde o cristianismo acabava de sair, erguem altar contra altar. Ainda em vida dos apóstolos, alteram a doutrina do Mestre, cuja divindade chegam a negar. Por sua revolta, enfraquecem a autoridade dos pastores no espírito dos neófitos. Por suas histórias cheias de falsidades, abalam a autenticidade dos Evangelhos. Por seus costumes, mais ainda que por seus discursos, pregam erros monstruosos, que dão origem a seitas abomináveis.

III

Essas seitas pululam como o joio. Em menos de um século, surgem mais de oitenta. Na Ásia, na Europa, na África, encontram-se por toda parte. A nova religião não pode dar um passo sem que elas se ponham em seu encalço para a desacreditar. Os sábios, os homens do povo, as mulheres sobretudo, e até diáconos e sacerdotes, são os seus autores ou se tornam os seus mais ardentes propagadores.

Aproveitando essa divisão, os Judeus e os pagãos repetem de comum acordo que os cristãos não merecem confiança alguma, pois tão mal se entendem entre si.

De fato, que meio havia de fiar-se em pregadores dos quais uns diziam sim e os outros não? A indiferença e o desprezo eram tudo o que se lhes podia conceder.



> **Jesus Cristo sob a figura do Cordeiro.** Afrescos das Catacumbas de Roma. — A figura da esquerda representa o Cordeiro carregando o vaso de leite, símbolo da Eucaristia. À direita, o Cordeiro leva os atributos do Bom Pastor.

Capítulo XI — Oitava dificuldade: Os filósofos

I

No encalço dos hereges vêm os filósofos judeus e pagãos. Nunca foram tão numerosos nem tão hostis à verdade. Prestando atenta orelha, recolhem todos os rumores que correm a respeito dos cristãos. Informam-se curiosamente do que se passa na nova religião e, confundindo de propósito os verdadeiros fiéis com os hereges, imputam ao cristianismo erros que ele condena e abominações que ele reprova. Nem as próprias Escrituras e as apologias escapam às suas pesquisas.

II

Armados de todas as peças, põem-se a provar, em escritos públicos, que todos os rumores são fundados; que os cristãos são realmente ateus, igualmente inimigos dos deuses e dos imperadores, em uma palavra, facínoras tais como a fama os apresenta; que suas doutrinas são um amontoado de fantasias, de contradições e de impiedades. Citações, sarcasmos, raciocínios, erudição, eloquência, gênio mesmo: nada falta às suas obras.

III

Nenhuma objeção é esquecida, tanto que, a partir do século IV, os mais hábeis inimigos da religião não puderam encontrar nenhuma nova. A causa está julgada. O povo, sempre habituado a crer na palavra dos sábios, firma-se inabalavelmente em sua opinião a respeito dos cristãos. Essa opinião, resume-a ele no grito sanguinário que ressoou durante vários séculos nos quatro cantos do mundo: «Os cristãos ao leão!» *Christianos ad leonem.*



> **O Bom Pastor sob a figura de Orfeu.** Afresco das Catacumbas. — Orfeu, abrandando as feras ao som de sua lira, é a imagem simbólica do Deus feito homem, civilizando os povos bárbaros e atraindo a si todos os corações pelo encanto de sua palavra: «Quando eu for levantado da terra, disse Jesus, atrairei tudo a mim.» (Jo 12, 32: «E eu quando for levantado da terra, todas as cousas atrahirei a mim mesmo».)

Capítulo XII — Nona dificuldade: Os zombadores

I

Enquanto os caluniadores votam o cristianismo à execração universal, os hereges lhe dilaceram o seio e os filósofos o arruínam no espírito dos letrados, os zombadores apoderam-se dele e o entregam à irrisão do povo.

II

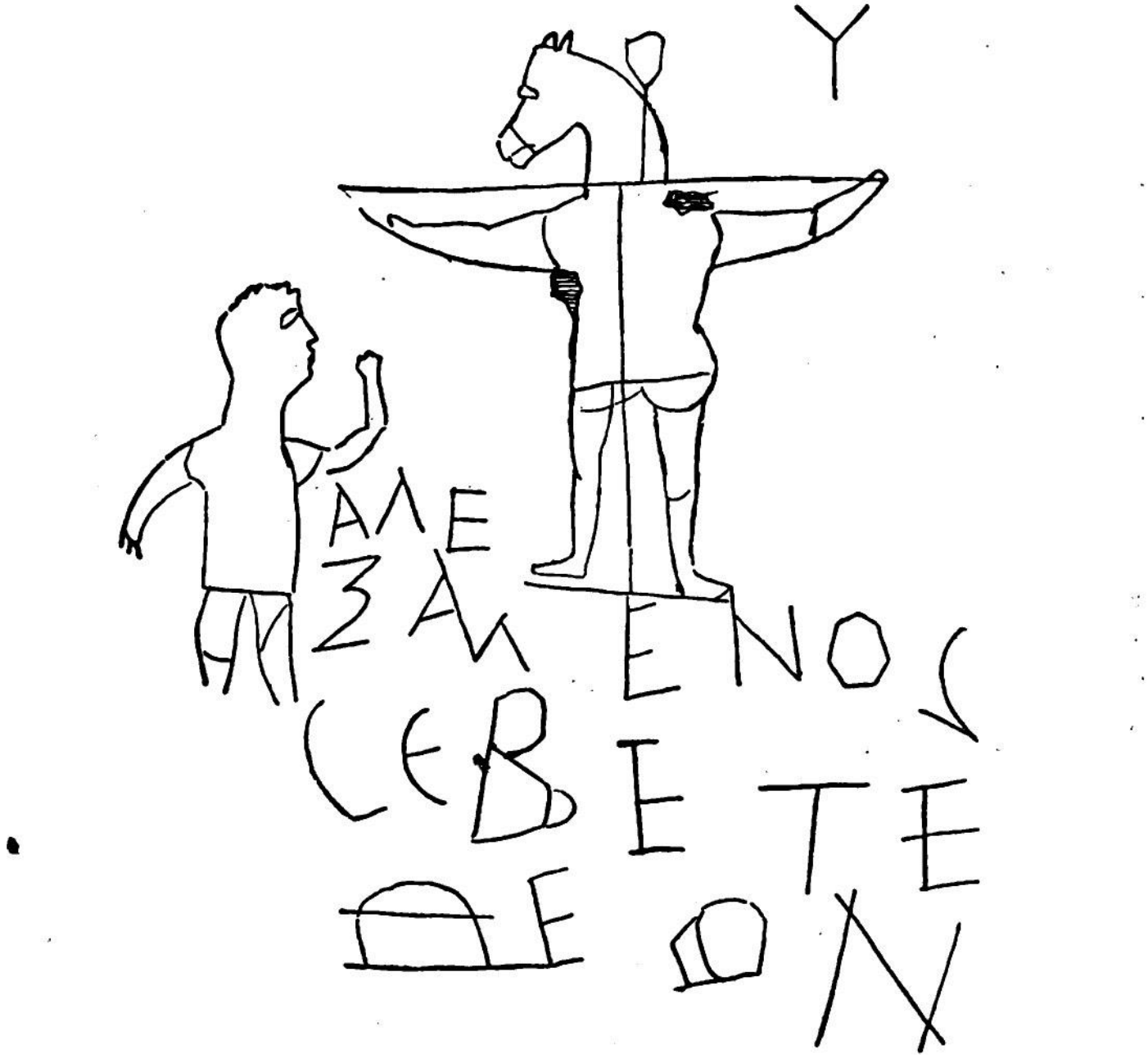
Se quisermos formar uma ideia, ao menos imperfeita, do efeito que devem ter produzido sobre as classes populares de Roma ou de Atenas as comédias burlescas, as caricaturas ignóbeis, as pilhérias mais ou menos grosseiras, pelas quais o cristianismo, disfarçado, era lançado como pasto a multidões ignorantes e depravadas, basta lembrar o que vimos e o que ainda vemos.

III

Quando se quis popularizar o ódio e o desprezo ao Santo Padre, ao doce e augusto Pio IX, representaram-no no teatro. Durante cento e seis representações consecutivas, uma comédia demasiado famosa o apresentou como um tirano que, calcando aos pés os direitos sagrados da autoridade paterna, merece a censura de uns, o ódio de outros, o desprezo de todos. Cem vezes os espectadores enganados deixaram explodir suas disposições hostis por enérgicas reprovações e por lágrimas de compaixão sobre as pretensas vítimas do despotismo pontifício.

IV

Do mesmo modo, para sufocar nas massas o salutar temor dos castigos eternos, nada se achou melhor do que profaná-los e ridicularizá-los na comédia, por tanto tempo em voga: *A Beleza do Diabo*.



> **Caricatura pagã do mistério da Cruz.** Descoberta, nestes últimos anos, nas paredes de uma sala baixa nas ruínas do Palatino, em Roma.

V

Inútil acrescentar que às comédias se juntam os panfletos e as caricaturas. Tal é, aos olhos dos inimigos da religião, o efeito infalível de semelhantes armas, que se engenham em inventar cada dia novas, certos de provocar, se não sempre o ódio, ao menos o afastamento, o desprezo e a incredulidade.

VI

Nenhum desses ataques falta ao cristianismo nascente. Libelos, escritos no espírito de Voltaire, caricaturam a nova religião. A pilhéria corre de boca em boca e não poupa nem os homens, nem as coisas, nem as virtudes do cristianismo. Alguns desses libelos tornam-se obrigatórios nas escolas, e as gerações nascentes são educadas no mais profundo desprezo dos cristãos. As artes entram no jogo. Os discípulos do Crucificado são representados, até nas paredes do palácio imperial, de joelhos diante de um homem com cabeça de asno, pregado numa cruz.

VII

Para acabar de ridicularizar a nova religião, os comediantes a dão em espetáculo e a traduzem em cenas mais burlescas umas que as outras. Suas cerimônias mais augustas, seus mistérios mais sagrados, suas leis mais respeitáveis, representados por histriões, na presença mesmo dos imperadores, ficam marcados de um ridículo que afasta mais do que o ferro dos carrascos. Como, pergunto, adorar no dia seguinte o que na véspera se acolhera com zombarias e desprezos?

Capítulo XIII — Décima dificuldade: Os progressos do cristianismo

I

Até os progressos do cristianismo tornam-se obstáculos à sua propagação e uma ameaça perpétua à sua existência. Entre os que escutam os Galileus, uns, dóceis à graça, abraçam a verdade; outros obstinam-se no erro.

II

Os filhos tornam-se cristãos, os pais permanecem pagãos. Os escravos batizados recusam-se a servir de joguete aos abomináveis caprichos de seus senhores; os compradores de ídolos, de vítimas e de perfumes deixam de aparecer nas lojas dos comerciantes cuja fortuna faziam.

III

As famílias se dividem; os laços de sangue são desconhecidos. O irmão denuncia o irmão; o pai, o filho; o esposo, a esposa; o senhor, o escravo; o amigo, o amigo. As relações sociais são alteradas ou rompidas. Pouco a pouco as cidades e as aldeias formam dois campos armados um contra o outro. Essas dissensões intestinas repercutem no exterior. Levadas aos tribunais, apaixonam o público em sentidos contrários e provocam explosões de ódio e maldições contra os novos pregadores e contra as suas doutrinas.

Capítulo XIV — Décima primeira dificuldade: As perseguições

I

Como as vagas do mar, em dia de tempestade, se elevam até o cume dos rochedos que bordam a costa, assim essa massa de calúnias, de acusações, de querelas e de divisões particulares sobe até o trono imperial, no qual estão sentados os Nero, os Domiciano, os Décio, os Diocleciano.

II

Para eles, é doravante um fato adquirido. O cristianismo é um elemento de discórdia, uma seita malfazeja; os cristãos, perturbadores que comprometem a tranquilidade pública e a prosperidade do império; ímpios que provocam a cólera dos deuses, cujo culto é a garantia da dominação eterna de Roma. Se os bárbaros ameaçam as fronteiras, se as legiões imperiais sofrem um revés, se o Tibre transborda, se o céu recusa suas chuvas, se a terra treme, se a fome se faz sentir, se vem a peste: os cristãos são responsáveis.

III

Ordenam-se então essas perseguições famosas, esses massacres em massa que todo o mundo conhece e que deviam, mil vezes por uma, sufocar a nova religião no sangue de seus discípulos. Num tempo em que se fazia jogo da vida dos homens, em que os tormentos mais atrozes eram os mais procurados pelos espectadores, nem a posição, nem a idade, nem o sexo são poupados. Os suplícios ordinários parecem demasiado brandos para aqueles que se considera inimigos dos deuses e do Estado. Inventam-se ou renovam-se torturas de causar arrepios.

IV

Os cristãos são açoitados com varas, submetidos a tormentos, esfolados com unhas de bronze. Despedaçam-nos a ferro, consomem-nos pelo fogo, pregam-nos em cruzes. Faz-se um jogo bárbaro de vê-los dilacerados por cães, devorados por leões. São cobertos de lâminas em brasa, sentados em cadeiras ardentes, mergulhados em óleo fervente, queimados a fogo lento. Esmagam-nos sob mós, cortam-nos em pedaços. Enterram-nos vivos. Em seus corpos cobertos de feridas, já não se rasgam senão chagas. Poupa-se com crueldade o pouco de vida que lhes resta. Escolhem-se, entre os suplícios, os que os fazem morrer mais lentamente. Curam-nos com cuidados bárbaros, para pô-los em condição de sofrer de novo.

V

A piedade está extinta para eles no coração dos homens. Aplaudem-se seus suplícios com gritos de alegria. Nem a morte os põe a salvo de seus perseguidores. Encarniçam-se sobre os tristes restos de seus corpos. Reduzem-nos a cinzas, precipitam-nos nos rios, lançam-nos ao vento para aniquilá-los, se fosse possível. Roma se embriaga de seu sangue, faz correr dele rios, e o ódio que lhes dedicam não está satisfeito.

VI

Como vasto incêndio, a perseguição, uma vez acesa na capital, comunica-se de perto em perto. Estende-se até os extremos do império, então quase tão vasto quanto o mundo. Não é uma perseguição de alguns dias: é por séculos que se deve contar o tempo dos sofrimentos da nova religião. Só se pode segui-la, durante trezentos anos, pelo rastro do sangue que derrama e pelo clarão das fogueiras que se acendem contra ela.

VII

À perseguição do sangue junta-se a das carícias; esforçam-se por seduzir os que não puderam vencer. Riquezas, honras, dignidades, prazeres, favores do príncipe: prometem tudo para ganhar homens surdos à dor, contra os quais os tormentos se embotam e para os quais a morte não tem aguilhão. Assim tudo é posto em obra para aniquilar o nome cristão.[^1]

VIII

Trazei de novo diante dos olhos as dificuldades que acabamos de indicar; depois, dando livre voo à vossa imaginação, dizei se conheceis tentativa mais gigantesca, empresa mais impossível que o estabelecimento do cristianismo.

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.

Capítulo XV — Fraqueza dos meios

I

A revolução que se trata de operar é, sem contradita, a mais difícil que se possa conceber. Todavia, os meios podem ser tão poderosos, as medidas tão bem proporcionadas ao efeito, que insensivelmente se chega ao cabo de empresas na aparência as mais impossíveis. Espera-se, pois, e o bom senso o exige, ver aparecer seres tão extraordinários quanto a missão que lhes é confiada.

II

Como a humanidade não oferece nenhum que esteja em tal nível, será sem dúvida a natureza angélica que fornecerá os heróis dessa assombrosa conquista?

Não.

Quem então?

A humanidade.

Ao menos escolher-se-á na humanidade tudo o que ela possui de mais distinto pela superioridade do talento, pela nobreza da origem, pelo brilho das dignidades, pela grandeza da fortuna, pela extensão do poder: os Césares, senhores do mundo?

Não.

Ao menos gregos famosos por sua sabedoria e sua eloquência; romanos cujo nome só faz tremer os reis em seus tronos?

Não.

Quem então?

Bárbaros.

Mas ao menos ilustres bárbaros: egípcios, pais das ciências; gauleses ou partos, temíveis à própria Roma?

Não: algo de menos.

III

Quem então?

Judeus, povo desprezado por todos os povos.

Mas ao menos os chefes da nação, os grandes sacerdotes, os ricos, os sábios?

Não.

Quem então?

Homens da mais baixa plebe, pescadores de ofício.

IV

Mas sob uma grosseira casca ocultam sem dúvida os mais belos dons do gênio; são eloquentíssimos?

Não sabem nem sequer a sua língua.

Muito sábios?

Só conhecem o seu obscuro ofício.

Muito ricos?

Possuem, por toda fortuna, as suas barcas e as suas redes.

Muito virtuosos?

Um é culpado de perjúrio, os outros de ciúme e de ambição. Todos passam por homens infames e de má vida.[^1]

São então heróis pela coragem?

O mais valente treme como folha à voz de uma criada.



> **A Anunciação.** Segundo Lucca della Robbia, século XV. (Ver o texto, p. 35.)

Ao menos o número poderá suprir a coragem: serão milhares!

São doze, nem mais nem menos.

V

Sim, doze pescadores, doze Judeus, isto é, literalmente os últimos homens da última das nações; ou, segundo a justa expressão de um deles, a escória do mundo:[^2] tais são, pelo testemunho

unânime dos Judeus, dos pagãos, dos crentes e dos incrédulos, os heróis da mais colossal empresa que jamais houve.

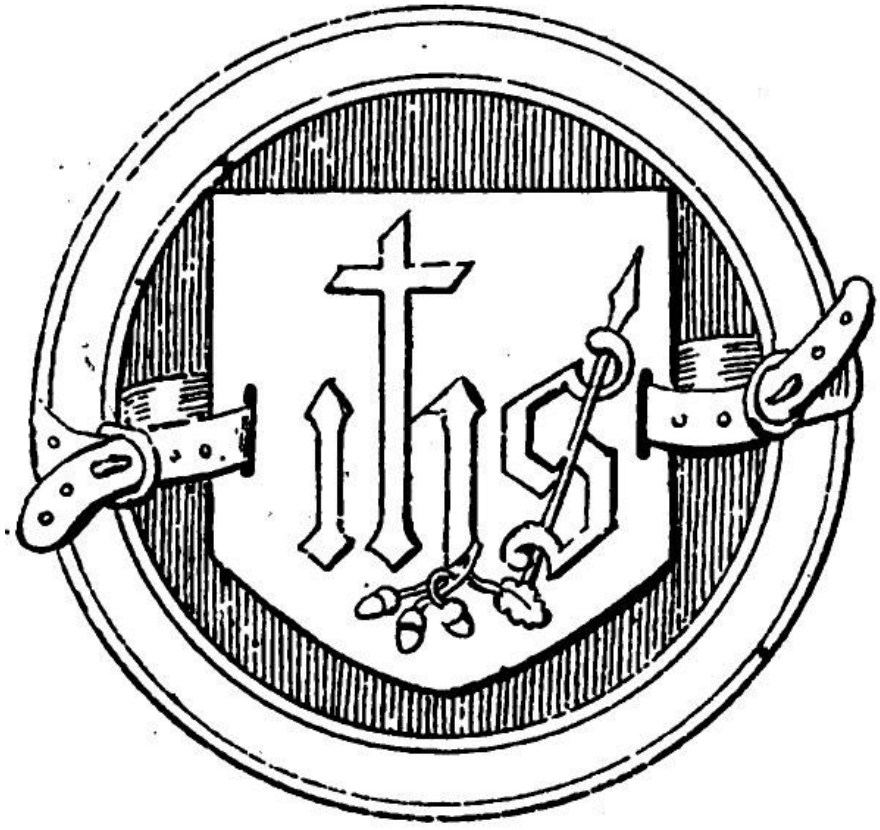
VI

Eis os que devem apresentar-se nas cortes mais polidas, falar diante das academias mais ilustres, ser os doutores dos reis e dos povos, convencer de loucura os sábios, de ignorância os filósofos, o mundo inteiro de crime e de erro.

Aplicando a isso todo o gênio que tendes, tentai encontrar uma empresa que apresente tanta desproporção entre os meios e o fim que se quer atingir.

Um bando de doze barqueiros para converter o universo!

Que irrisão!



> **O Crisma com a lança.** Fecho de abóbada do mosteiro da Grande Cartuxa, século XIV.

[^1]: *Jesum ascitis decem aut undecim hominibus famosis, publicanis nautisque nequissimis, huc illuc cum illis fugitasse turpiter et ægre cibos colligentem.* («Jesus, tendo reunido dez ou onze homens de má fama, publicanos e marinheiros perversíssimos, andou fugindo de um lado para

outro com eles, vergonhosamente, e a custo recolhendo alimento.») — Celso, apud Orígenes, liv. I, n. 42.

[^2]: Cf. 1 Cor 4, 13: «temos chegado a ser como a immundicia d'este mundo, como a escoria de todos atégora.» *(No site a palavra aparece cortada como «im- mundicia»; aqui foi unida.)*

Capítulo XVI — Grandeza do sucesso

I

Qual será o desfecho da empresa? Tal pergunta está resolvida de antemão. Que sucesso, pergunto, podem prometer-se homens que, tendo todas as oposições a vencer, só empregam como meios obstáculos?

II

Vê-se, de um lado, duas religiões senhoras do mundo: o judaísmo e o paganismo. Uma, verdadeira mas transitória, está de posse do enérgico apego de seus sectários, espalhados por todas as regiões da terra.

A outra é falsa; mas é uma religião agradável e pomposa, que se crê estabelecida pelos deuses, que se estima tão antiga quanto o mundo, que se olha como a base da prosperidade pública.

De outro lado, uma religião severa, simples, nova, inimiga dos usos nacionais e da ordem estabelecida.

De um lado, os sábios, os filósofos, os homens de gênio, os magistrados, os imperadores, os exércitos, o universo inteiro; do outro, alguns ignorantes, sem defesa, sem apoio, sem socorro. De um lado, a autoridade, a crueldade, o furor; do outro, a fraqueza, a paciência, a morte. De um lado, os carrascos; do outro, as vítimas.[^1]

III

A quem coube a vitória?

Ao universo, diz a razão.

Aos doze pescadores, responde a história.

Sim; e a história profana, escrita pelos próprios Judeus e pagãos, testemunhas oculares do acontecimento e mortais inimigos dos cristãos. Essa história ensina que o sucesso dos pescadores

galileus foi rápido, sério, real, duradouro.

[^1]: Bullet, *Discurso sobre o estabelecimento do cristianismo*.



> **O Bom Pastor.** O Bom Pastor traz sobre os ombros a ovelha desgarrada. Afresco das Catacumbas.

Capítulo XVII — Sucesso rápido

I

No mesmo dia em que os estranhos pregadores aparecem em público, três mil Judeus caem a seus pés e abraçam sua doutrina. No dia seguinte, outros cinco mil os imitam. Com a rapidez do relâmpago que sulca a nuvem, com a atividade do fogo que consome um campo de canas ressequidas, o cristianismo conquista a Samaria, a Síria, a Ásia Menor. Esmirna, Éfeso, Corinto, Atenas lhe abrem as portas. A Arábia, as grandes Índias, a Pérsia, a Armênia, a Etiópia, a Líbia, o Egito lhe fornecem inumeráveis discípulos.

II

Do Oriente passa ao Ocidente e, em poucos anos, Roma, a morada de Nero, a cidadela da idolatria, vê-se povoada de uma imensa multidão de cristãos, *multitudo ingens*. As Gálias, as Espanhas, a Grã-Bretanha, a Germânia contam-nos aos milhares.

III

Assim o anunciara Jesus de Nazaré. «Minha doutrina, dizia um dia a seus discípulos, dará a volta ao mundo antes da ruína de Jerusalém», isto é, em menos de trinta anos.[^1]

Os acontecimentos antecipam-se ao termo da profecia.

Em dez anos, o Crucificado tem adoradores em todas as partes do universo.[^2] Quarenta anos mais tarde, pelo testemunho dos próprios perseguidores, a seita cristã pululou em todas as províncias do império.[^3]

IV

Logo um advogado do cristianismo, Tertuliano, dirá, sem receio de desmentido, diante dos magistrados romanos: «Somos de ontem, e já tudo enchemos: vossas cidades, vossas ilhas, vossas fortalezas, vossas colônias, vossas aldeias, vossas assembleias, vossos acampamentos, vossas

tribos, vossas decúrias, o palácio do imperador, o senado, o fórum: só vos deixamos os templos.

«Poderíamos até, sem nos revoltarmos abertamente, infligir-vos uma ignominiosa derrota: bastaria separar-nos de vós. Que essa imensa multidão viesse apenas a deixar-vos, para retirar-se a alguma região longínqua, e a perda de tantos cidadãos de toda condição desacreditaria vosso governo e vos teria bastante castigado. Espantados de vossa solidão, do silêncio dos negócios e do pasmo do mundo inteiro, como ferido de morte, procuraríeis em vão a quem mandar: restar-vos-iam mais inimigos que cidadãos.»[^4]

V

Assim, enquanto Roma, sempre em armas, precisou de setecentos anos de vitórias para formar o seu império, o cristianismo desarmado reina, desde a origem, sobre todas as nações, e a cruz de Jesus Cristo é hasteada em praias onde jamais apareceu a águia dos Césares. Menos de três séculos depois de sua saída do cenáculo, a nova religião subjugou a própria Roma; e, tranquilamente sentada no trono imperial, empunha o cetro do mundo.



A Natividade. Quadro de Lorenzo di Credi; galeria de Florença, século XV. (Ver p. 35.)



O Eleito coroado por seu anjo da guarda. Segundo Luca Signorelli, século XVI.

[^1]: Cf. Mt 24, 14: «E será prégado este evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a todas as gentes: e então chegará o fim.» *(No site: «testemu nho»; palavra unida aqui. O original francês indica «S. Matth., xxiv, 4», evidente falha de OCR por «14».)*

[^2]: Ver a data da Epístola aos Romanos.

[^3]: Ver os editos de perseguição e a carta de Plínio a Trajano.

[^4]: Tertuliano, *Apologético*, c. [37] *(o OCR traz «c. x1»; conferir no PDF)*.

Capítulo XVIII — Sucesso sério

I

Esse empenho pelo cristianismo não é uma especulação capaz de enriquecer, nem um negócio de moda que lisonjeia a vaidade, nem um entusiasmo momentâneo que trai mais leviandade que reflexão, nem uma determinação indiferente que a nada obriga.

II

Fazer-se cristão é votar-se à espoliação dos bens e à pobreza; é condenar-se às injúrias, aos desprezos, ao ódio dos próximos, ao furor do povo, à cólera dos imperadores, ao exílio, à perseguição; em uma palavra, é assinar a sua sentença de morte. E que morte, grande Deus! A morte em meio às mais horríveis torturas, a morte em meio às palmas de todos os espectadores.

III

Pois bem! Essa sentença de morte é assinada, não por alguns fanáticos que morrem para sustentar uma opinião, mas por testemunhas que afirmam fatos sensíveis, vistos com seus olhos e tocados com suas mãos. É assinada, não num canto do mundo; não no espaço de alguns meses ou de alguns anos. É assinada, solicitada mesmo com ardor, aceita ao menos com ações de graças, por multidões inumeráveis de homens, de mulheres, de crianças, de jovens virgens, de anciãos, de senadores, de cônsules, de generais de exército, de sábios, de filósofos, de ricos e de pobres, em todas as regiões que o sol ilumina; e isso durante três séculos!

IV

Debalde os editos de proscrição se multiplicam e caem sobre os cristãos como o granizo em dia de borrasca; debalde legiões de procônsules, arrastando atrás de si exércitos de carrascos e o formidável aparato de todos os gêneros de suplícios, percorrem as províncias para semear o terror; debalde os cadafalsos se erguem por toda parte; debalde as fogueiras se acendem em todos os pontos do império; debalde as feras que nutrem as florestas da Germânia, ou que ocultam os desertos da África, são trazidas aos milhares aos anfiteatros e aos circos para devorar os cristãos:

o fogo da perseguição não faz senão aumentar o ardor do martírio.

V

Do alto de seus tronos, os senhores do mundo ordenam adorar os deuses, e são desprezados. Do alto de sua cruz, Jesus ordena que se venha a ele, e corre-se a ele por entre os patíbulos e as fogueiras. O Olimpo inteiro treme sobre seus altares. Os magistrados empalidecem em meio aos seus feixes. Os próprios carrascos se cansam; a machada embotada lhes escapa das mãos e, cristãos por sua vez, misturam seu sangue ao sangue de suas vítimas.

Se lerdes os boletins desse gigantesco combate, achareis, segundo os cálculos mais conscienciosos, onze milhões de mártires durante os três primeiros séculos. Desse número, só Roma conta mais de dois milhões.



> **Os anjos no Juízo Final.** O anjo dos justos, revestido da veste de glória, a cruz em diadema, acorre do alto dos céus e apresenta a Deus o grande livro onde estão escritas as obras de misericórdia praticadas por aquele que vai ser julgado. — Afresco do século XV, na catedral de Freising (Baviera).

Capítulo XIX — Sucesso real

I

O cristianismo não age só na superfície; penetra nas profundezas da humanidade. Sob sua ação, os corações mais amolecidos se retemperam; os vícios mais enraizados dão lugar a virtudes sólidas. A humildade destrona o orgulho; a mansidão e o perdão das injúrias, a vingança e a crueldade; e neste mundo em que, na véspera ainda, Augusto não conseguira encontrar sete vestais, germina um povo de virgens.

II

As ideias sofrem uma mudança análoga. Aos erros grosseiros, às eternas tateações sobre Deus e sobre a Providência; sobre o homem, sua natureza e seus destinos; sobre o mundo, sua origem e o fim de sua existência, sucedem conhecimentos tão completos e tão precisos que fazem ainda hoje toda a superioridade das nações cristãs sobre o mundo pagão. Levando mais longe a sua influência salutar, a nova religião modifica todas as leis do gênero humano, na ordem religiosa, política, civil e doméstica.

III

Na ordem religiosa. De um polo a outro, as inumeráveis divindades que bebiam o sangue dos homens e se honravam de seus crimes são derrubadas de seus altares. A unidade de Deus brilha sobre o mundo como o sol nascente sobre a natureza. Com sua luz pura e viva, esse dogma esclarece, embeleza, vivifica a humanidade.

IV

Na ordem política. Graças à doutrina de Jesus de Nazaré, os povos deixam de ver inimigos nos estrangeiros. A máxima selvagem: «Ai dos vencidos!», *Væ victis!*, é apagada das insígnias militares e esquecida dos vencedores. À lei do ódio, antiga base das sociedades pagãs, sucede a lei da caridade, que faz de todos os homens membros de uma mesma família.

V

Na ordem civil. Abolida de direito pela promulgação do cristianismo, a escravidão é abolida de fato, assim que as circunstâncias o permitem. Entretanto, o escravo já não é visto como uma coisa de que se pode usar e abusar; como um ser de natureza inferior, que se ultraja sem piedade, que se crucifica por uma codorniz escapada da gaiola ou que se faz devorar pelas moreias por um prato quebrado.

Até o pobre, objeto de ódio e de desprezo universal, torna-se um ser querido, um ser sagrado para o qual se constroem palácios e a quem o rico dá o seu ouro para alimentá-lo, seus filhos para protegê-lo, suas filhas para tratá-lo, a si mesmo enfim para servi-lo.

VI

Na ordem doméstica. Chamado de volta à sua dignidade primeira — que digo? — a uma dignidade mais alta, o matrimônio é santificado no próprio ato que o constitui, como em todos os deveres que impõe. Os dois cancros das sociedades pagãs, a poligamia e o divórcio, autorizados por todas as legislações antigas, tornam-se um duplo crime. Reconstruída sobre a base da unidade e da indissolubilidade, a família retoma o seu vigor e a sua nobreza. O pai deixa de ser um déspota, a mulher uma escrava, o filho uma vítima.



> **Triunfo de Jesus Cristo na humanidade.** Jesus Cristo está sentado sobre o globo do mundo. Seu carro é conduzido pelos atributos dos quatro evangelistas

> e pelos quatro doutores da Igreja (São Gregório Magno, São Jerônimo, Santo Agostinho, Santo Ambrósio).

Capítulo XX — Sucesso duradouro

I

Quando percorreis com o olhar a face do mundo, que vedes? Ruínas e ainda ruínas: ruínas materiais e ruínas morais. Por toda parte o homem se trai na fragilidade de suas obras. Babilônia caiu; Nínive caiu; Mênfis caiu. Cartago, Tebas, Esparta não existem mais. De Atenas, de Corinto, só restam escombros. A própria Roma, essa soberba rainha das nações, a quem seus deuses haviam prometido a eternidade, Roma, que julgava ter aniquilado até o nome cristão, dorme sepultada com seus deuses e seus Césares sob as ruínas mutiladas de seus palácios e de seus templos.

II

Que foi feito das instituições dos povos mais famosos, dos sistemas dos filósofos mais renomados, dos códigos dos legisladores mais sábios? Onde estão as inteligências que deles se nutrem, as sociedades que deles vivem? Desconhecidas do vulgo, sem autoridade, sem aplicação, simples objetos de curiosidade para o erudito, essas obras-primas do gênio figuram entre os conhecimentos humanos mais ou menos como as múmias egípcias num museu de antiguidades.

Tudo mudou, tudo desapareceu, tudo morreu. Instituições, sistemas, leis, impérios, vinte vezes, depois de dezoito séculos, desmoronaram para dar lugar a outras instituições, a outros sistemas, a outras leis, a outros impérios, que por sua vez são apagados por criações não menos frágeis.

III

Dar-se-á o mesmo com o edifício erguido pelos pescadores galileus? Dezoito séculos de duração vos respondem: a obra deles está isenta da caducidade das coisas humanas. A revolução que operaram não é uma mudança passageira, que um século viu cumprir-se e que o século seguinte vê desaparecer. Diferentemente de todos os outros acontecimentos consignados na história, a passagem do mundo ao cristianismo é um fato sempre subsistente. Fora dele, tudo é vicissitude, fragilidade, ruína.

IV

Só ela imutável, a sociedade fundada pelo Judeu crucificado não perdeu nem um só de seus dogmas, nem uma só de suas leis. Ainda hoje o mundo civilizado vive de suas doutrinas. Tão jovem como ao sair do berço, tão forte como nos dias de sua adolescência, desafia igualmente a barbárie dos povos, o despotismo dos reis, as tempestades das paixões revoltadas, o machado dos carrascos, os sofismas da impiedade, os escândalos de seus próprios filhos, e permanece de pé entre os escombros esparsos de todas as criações humanas.

Conheceis um sucesso que se possa explicar menos pelos ensinamentos da história ou pelos dados da ciência?

Capítulo XXI — Uma suposição

I

Acabamos de ler, em toda a sua simplicidade, o fato do estabelecimento do cristianismo, narrado de comum acordo pelos Judeus, pelos pagãos e pelos cristãos, todos testemunhas oculares. Não o julgamos: constatamo-lo. Resta apenas, para mostrar o que ele tem de impressionante, resumi-lo na seguinte suposição.

II

Transportemo-nos pelo pensamento ao momento em que o cristianismo apareceu na terra e suponhamos, com São João Crisóstomo, que um filósofo pagão encontre o Filho de Maria começando a pregar sua doutrina. Jesus está só, caminha a pé, de bordão na mão, vestido como um operário.

«Aonde ides? — pergunta-lhe o filósofo.

— Vou pregar a minha doutrina.

— Que pretendeis, pregando pelas aldeias da Judeia o que chamais a vossa doutrina?

— Converter o mundo.

— Não me dou por sábio.

— Fazer o universo abandonar seus deuses, sua religião, seus costumes, seus trajes, suas leis, para lhe fazer adotar as vossas máximas! Sois, então, mais sábio que Sócrates, mais eloquente que Platão, que nunca pôde impor as suas leis a uma só aldeia da Ática?



LA VOCATION DES APOTRES

D'après Overbeck — Dix-neuvième siècle.

> **A vocação dos apóstolos.** Segundo Overbeck, século XIX. — Às dificuldades que o estabelecimento da religião cristã encontra vem somar-se a fraqueza dos meios empregados. Jesus escolhe, entre seus discípulos, doze apóstolos para estarem com ele e para enviá-los a pregar sua doutrina. Doze pescadores: tais são os heróis da mais colossal empresa que jamais houve. (Ver o texto, p. 59.)

III

— Quem sois, então?

— Conhecem-me como o filho de um pobre carpinteiro de Nazaré.

— Por que meios secretos preparastes, então, o sucesso de vossa empresa?

— Até aqui passei a vida na oficina de meu pai, trabalhando com ele para ganhar o meu pão de cada dia. Faz pouco, percorro o país. Alguns discípulos puseram-se em meu seguimento; é a eles que confiarei o cuidado de estabelecer a minha doutrina entre as nações.

IV

— Vossos discípulos são, então, homens tão distintos pela nobreza do nascimento quanto pela superioridade dos talentos?

— Meus discípulos são doze pescadores que só conhecem as suas barcas e as suas redes, doze Judeus, e sabeis o que são os Judeus na estima dos outros povos.

— Contais, então, com a proteção de algum poderoso monarca?

— Não terei inimigos mais mortais que os reis e os grandes do mundo: todos se armarão para aniquilar a minha doutrina.

— Possuís, então, riquezas imensas? E fazendo brilhar o ouro aos olhos dos povos, é fácil criar adoradores.

— Não tenho onde reclinar a cabeça. Pobres pelo nascimento, meus discípulos o serão ainda mais por minhas ordens. Como eu, viverão de esmolas e do trabalho de suas mãos.

V

— É, então, sobre a vossa própria doutrina que fundais a esperança de vossos sucessos?

— Minha doutrina repousa sobre mistérios que os homens tomarão por loucuras. Quero, por exemplo, que meus discípulos anunciem que fui eu quem criou o céu e a terra, que sou Deus e homem ao mesmo tempo; que morri numa cruz entre dois ladrões, pois é por esse gênero de suplício que devo terminar a minha vida. Acrescentarão que, três dias depois, ressuscitei e que me viram subir ao céu.

VI

— Se a vossa doutrina é incrível, ao menos a vossa moral é bem cômoda; sem dúvida lisonjeia todas as paixões?

— Minha moral combate todas as paixões, condena todos os vícios, manda todas as virtudes e pune com suplícios eternos o próprio pensamento do mal.

— Prometeis, então, magníficas recompensas aos que a quiserem abraçar?

— Sobre a terra, prometo-lhes o desprezo, o ódio do gênero humano, as prisões, as fogueiras, a morte sob todas as formas; depois da vida, faço-os esperar recompensas que o espírito do homem não pode compreender.

VII

— Em que lugares e a que homens pretendeis ensinar tal filosofia? Sem dúvida em alguns cantos obscuros de vosso pequeno país, e a alguns ignorantes, como os que chamais vossos discípulos?

— Minha doutrina será pregada em Jerusalém, diante da Sinagoga; em Atenas, diante do Areópago; em Roma, no palácio dos Césares; por toda parte, diante dos reis e dos povos, nas cidades e nos campos, até os confins do mundo.

— E vos lisonjeais de ter êxito!

VIII

— Sem dúvida; logo serei reconhecido por toda parte como o único Deus do céu e da terra. O mundo vai mudar de face; os ídolos vão cair. De todas as partes os povos acorrerão para abraçar a minha doutrina. Os próprios reis se prostrarão diante do instrumento do meu suplício e o porão sobre a sua coroa como seu mais belo ornamento. Terei por toda parte templos e altares, sacerdotes e adoradores. Um dia, talvez, vós mesmo derramareis o vosso sangue para atestar a verdade da minha doutrina.

— Pobre idiota! O vosso lugar não é aqui. É num hospício de alienados. Voltai ao menos, para nunca mais sair, à oficina de vosso pai. Vosso projeto é o cúmulo da extravagância.»

IX

O filósofo tem razão. Aos olhos do senso comum, empreender a conversão do mundo com doze pescadores, no século de Augusto, a despeito de todas as forças humanas, é projeto que atinge o cúmulo da loucura. Entretanto a história, a história profana, aí está para o atestar: esse projeto foi executado; foi-o da maneira e pelos meios que Jesus predissera; foi-o rapidamente.

Sobre esse fato sempre subsistente repousa o Credo do cristão.

X

Quando Proudhon, Renan, Strauss, Kardec, com toda a súcia dos negadores, filósofos ou espíritas, antigos e modernos, tiverem aniquilado esse fato, poderão gabar-se de ter abalado a base de nossa fé. Até lá, rir-nos-emos de seus ataques de pigmeus e lhes devolveremos, como lhes pertencendo de pleno direito, as qualificações de ignorância, de credulidade e de imbecilidade com que nos gratificam.

XI

Se o próprio filósofo de que acabamos de falar reaparecesse hoje na terra e visse, como nós, a religião de Jesus de Nazaré dominando ainda o mundo civilizado, duvidaria do milagre de seu estabelecimento? Não exclamaria, arrebatado de admiração: «Tudo isso está acima das forças humanas; tudo isso é, pois, obra de Deus»? *Incredibile, ergo divinum.*

Todavia, antes de aceitar a explicação do filósofo, vejamos se não é possível encontrar outra. Para nos ajudar neste trabalho, comecemos por resumir os fatos que precedem.

Capítulo XXII — Resumo e desenvolvimento

Acabamos de narrar o fato do estabelecimento do cristianismo como teríamos narrado qualquer outro fato, sem exprimir opinião alguma sobre a causa, humana ou divina, dessa revolução, a mais espantosa que jamais houve. Seja como parte integrante, seja como consequências imediatas, essa revolução implica os fatos seguintes, que ninguém pode negar sem fechar os olhos à luz ou sem abalar toda certeza histórica.

Primeiro fato

Há dezoito séculos, o mundo civilizado era pagão.

Segundo fato

Hoje o mundo civilizado é cristão.

Terceiro fato

A passagem do paganismo ao cristianismo é obra de um personagem chamado Jesus de Nazaré, ajudado por doze pescadores.

Quarto fato

Jesus de Nazaré é um Judeu crucificado.

Quinto fato

Um Judeu, e um Judeu crucificado, é tudo o que há de mais desprezível debaixo do céu.

Sexto fato

Há dezoito séculos o mundo civilizado adora esse Judeu crucificado. Fê-lo e ainda o faz livremente, sem para isso ser constrangido pela força nem atraído pela isca do prazer ou das riquezas.

Sétimo fato

Para ter a ventura de adorar esse Judeu crucificado, onze milhões de mártires de toda condição e de todo país aceitaram alegremente, durante trezentos anos, a morte em meio aos tormentos mais horríveis. Desde essa época, milhares de outros seguiram o seu exemplo. Seguem-no ainda hoje, quando a ocasião se apresenta.

Sempre para ter a mesma ventura, homens e mulheres de toda idade, de toda fortuna, de todo país, em número incalculável, combatem sem cessar suas inclinações mais caras, entregam-se a duras austeridades, abandonam suas famílias, dão seus bens aos pobres e consagram gratuitamente suas pessoas ao serviço das misérias mais repugnantes.



> **Pedro renega Jesus Cristo.** Segundo o quadro de Poussin, século XVII. (Ver o texto, p. 59.)

Oitavo fato

Adorando o Judeu crucificado, o mundo elevou-se em luzes, em virtudes, em liberdades, em civilização, em proporções assombrosas.

Testemunha disso o menor menino cristão, que sabe, sobre o que importa unicamente ao gênero humano saber — Deus, a Providência, o homem, sua natureza, seus deveres, seu fim —, mais do que os maiores filósofos do mundo antigo: Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca.

Testemunha disso a mais obscura aldeia cristã, onde se encontram mais dignidade para o homem, mais liberdade para a mulher, mais segurança para a criança do que se conhecia no mundo pagão.

Testemunhas disso todos os povos da Europa e da América que, outrora bárbaros ou selvagens, tornaram-se, adorando o Judeu crucificado, os príncipes da civilização.

Testemunha disso, em uma palavra, o mapa-múndi, que vos mostra a luz, a civilização, a liberdade em todos os países que adoram o Judeu crucificado.

Nono fato

Todas as nações que não adoram o Judeu crucificado permanecem sepultadas nas trevas da barbárie, acorrentadas nos laços da escravidão, estacionárias nos caminhos da civilização. Testemunhas disso os chineses, os indianos, os turcos, os árabes, os negros, os oceânicos; em uma palavra, testemunha disso o mapa-múndi.

Décimo fato

Nenhuma nação saiu e nenhuma sai da barbárie, ignorante ou letrada, quebra as cadeias da escravidão, marcha pelo caminho do progresso, senão adorando o Judeu crucificado e na proporção do fervor com que o adora. Testemunhas disso todas as nações antigas e modernas; testemunha disso a história universal.

Décimo primeiro fato

Toda nação que deixa de adorar o Judeu crucificado começa por perder seus costumes, sua paz, sua prosperidade, e acaba por desaparecer ou por recair nas trevas da barbárie, douta ou letrada, nas cadeias da escravidão, e por retroceder nos caminhos da civilização: e isso em razão direta de seu abandono do Judeu crucificado.

Testemunhas disso todas as nações da Ásia e da África, onde a ignorância disputa com a degradação.

Testemunhas disso as nações da Europa moderna, onde tudo se torna perturbação, mal-estar, ódio, confusão de sistemas e de ideias, revoluções e subversões.

Décimo segundo fato

O Judeu crucificado mantém-se, há dezoito séculos, nos altares do mundo civilizado, apesar dos formidáveis e incessantemente renovados ataques dos tiranos armados do machado, dos ímpios armados do sofisma, dos zombadores armados do sarcasmo, dos homens perversos armados de todos os instintos brutais da natureza corrompida.

Por uma exceção única nos anais do mundo, mantém-se ali em meio às agitações contínuas e às subversões que vinte vezes mudaram a face do mundo, levaram impérios, repúblicas, os mais belos sistemas, as instituições mais firmes: em uma palavra, mantém-se ali amado e adorado, apesar da inflexível lei de morte que pesa sobre todas as obras humanas e só lhes deixa uma existência passageira.

Tais são os fatos visíveis, palpáveis, permanentes que resultam deste outro fato:

O mundo adora um Judeu crucificado.

Capítulo XXIII — Dupla explicação

I

Como explicar esses fatos incríveis?

A coisa é fácil, responde o cristão.

A adoração, dezoito vezes secular, de um Judeu, e de um Judeu crucificado, por todas as nações civilizadas do globo, é um mistério cuja profundidade faz girar a cabeça de quem a quer medir: isso é verdade.

Os outros mistérios do cristianismo não são menos impenetráveis à razão: isso também é verdade. As leis da moral cristã superam evidentemente as forças naturais do homem: isso é sempre verdade, perfeitamente verdade.

II

Todavia, compreendo muito bem, e a adoração de um Judeu crucificado, e a crença dos impenetráveis mistérios do cristianismo, e a prática de sua impraticável moral pelos maiores gênios e pelos maiores povos do mundo.

Jesus de Nazaré é o Filho de Deus, o próprio Deus: eis o segredo.

III

Onipotente, triunfou com os mais fracos meios dos maiores obstáculos. Fonte de luzes e de virtudes, derramou sobre o mundo uma parte desses dons divinos, e o mundo creu e praticou. Crendo e praticando, elevou-se a uma alta perfeição religiosa, política e social.

IV

Enquanto não se aproxima desse Deus, foco de toda luz, princípio de toda perfeição, permanece na degradação e nas trevas. Quando dele se afasta, recai em seu primeiro estado de abjeção e de miséria: tão infalivelmente como a terra nas sombras da noite quando o sol deixa o horizonte.

Em uma palavra: Deus meteu a mão nisso. Houve milagre: tudo se explica.

V

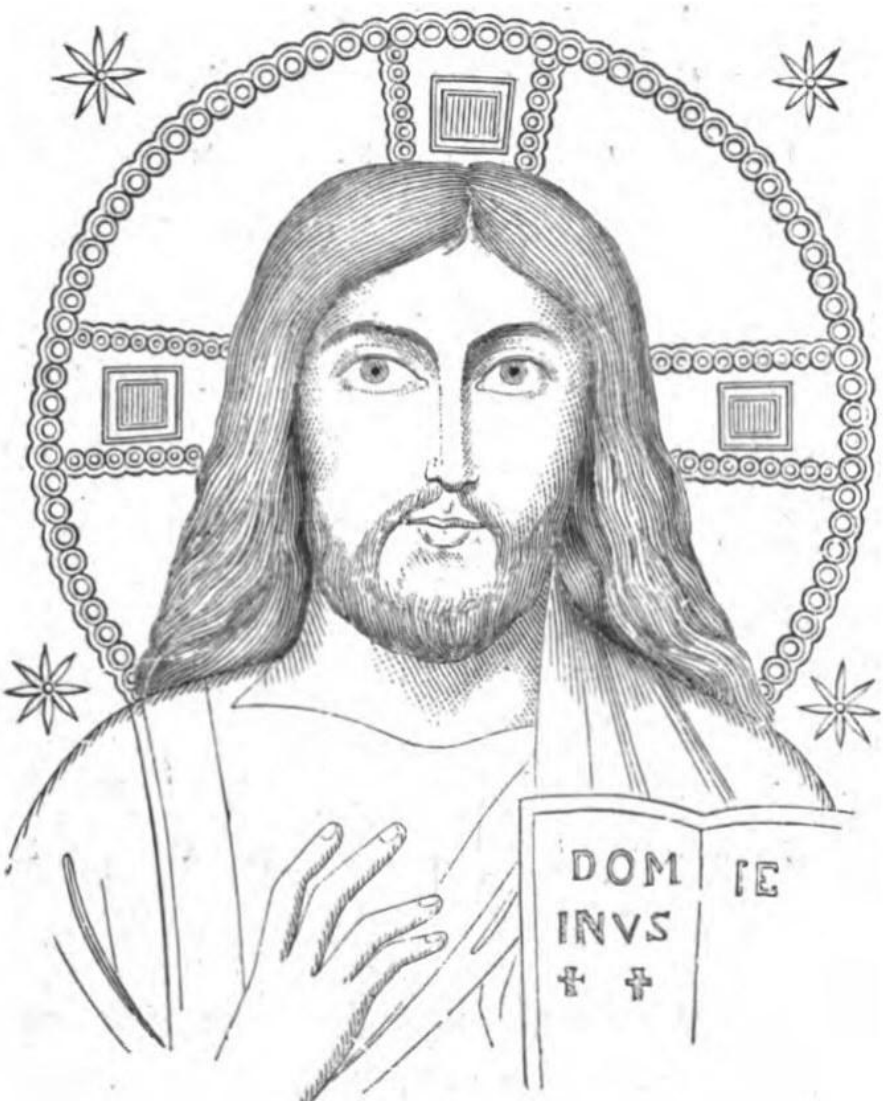
«Os milagres são contos de comadre, respondem os incrédulos. Nunca existiram senão na imaginação dos velhacos e na crença dos tolos.»

Está entendido: o mundo converteu-se sem milagres. Por conseguinte, Jesus de Nazaré não é Deus nem Filho de Deus. É simplesmente um Judeu como outro Judeu, um homem como outro homem, um filósofo como outro filósofo, com algum talento ou alguma habilidade a mais. Os doze apóstolos eram doze pescadores como os outros pescadores. Deus não estava nem com ele nem com eles.

VI

Tal é, pois, a maneira como resolveis o problema: «Dado um Judeu crucificado, com doze pescadores enviados por ele para pregar a sua doutrina, evidentemente o mundo devia converter-se e adorar, como o único Deus do céu e da terra, esse Judeu crucificado. Há uma proporção evidente entre o efeito e a causa, entre os meios e o fim. Nada de sobrenatural nem de divino. Tudo é muito simples, muito natural, muito conforme às leis da lógica.»

Aceitamos a solução, cujas consequências vão pôr em luz a admirável justeza.



> Segundo um afresco das Catacumbas.

Capítulo XXIV — As consequências

Primeira consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que um Judeu crucificado, secundado por doze pescadores, sem letras, sem dinheiro, sem proteção, sem crédito, tenha, em pleno século de Augusto, persuadido o mundo inteiro a quebrar seus ídolos, a queimar seus templos, a mudar suas leis, a purificar seus costumes, e se tenha feito adorar como o Criador do mundo e único Deus do céu e da terra, ele, Judeu crucificado entre dois facínoras, como o mais facínora dos três.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Segunda consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que, durante trezentos anos, milhões de homens, de mulheres, de ricos, de pobres, de senadores, de príncipes, de generais de exército, de cônsules, na Ásia, na África, na Grécia, em Roma, nas Gálias, nas Espanhas, na Germânia, em toda a face do globo, se tenham deixado dilacerar, triturar, queimar, afogar, cortar em pedaços, para ter o prazer e a honra de adorar, como único Deus do céu e da terra, um Judeu crucificado que não é senão um Judeu.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.



> **São Pedro instituído chefe da Igreja.** Composição de Rafael, a segunda da série dos cartões de Hampton Court. — Jesus, interrogando seus discípulos, disse-lhes: «E vós quem dizeis que sou eu?» Simão Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: «Tu és o Christo, Filho de Deos vivo.» E Jesus lhe respondeu: «...Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.» (Mt 16, 15-18)

Terceira consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que, havendo dezoito séculos, apesar do progresso da idade e do desenvolvimento das luzes, o mundo não saia de sua vergonhosa idolatria; que, ao contrário, centenas de milhões de homens e de mulheres de todos os países amem e adorem o Judeu crucificado, que não é senão um Judeu, até se deixarem degolar por ele ou lhe sacrificarem, por uma dedicação voluntária, sua fortuna, sua liberdade, suas famílias, suas esperanças, suas afeições mais caras.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Quarta consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que o mundo se tenha tornado muito mais esclarecido, muito mais virtuoso, muito mais livre, muito mais civilizado, muito mais feliz sob todos

os aspectos, professando o absurdo elevado à sua mais alta potência, isto é, adorando, como o Criador e Deus do céu e da terra, um Judeu crucificado que não é senão um Judeu.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Quinta consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que toda a porção do gênero humano que se recusa a adorar, como único Deus do céu e da terra, um Judeu crucificado que não é senão um Judeu, permaneça mergulhada na barbárie, na escravidão, na corrupção, num horrendo abismo de misérias.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Sexta consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que essa porção degradada do gênero humano saia da barbárie, da escravidão, da corrupção e marche pelos caminhos da liberdade, da civilização e da felicidade, assim que adora, como único Deus do céu e da terra, um Judeu crucificado que não é senão um Judeu.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Sétima consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que todas as nações que deixam de adorar com fé e fervor, como único Deus do céu e da terra, um Judeu crucificado que não é senão um Judeu, comecem por perder suas luzes, sua moralidade, sua paz, para acabar recaindo, de revolução em revolução, nas angústias da dúvida pagã, nas vergonhas do materialismo pagão, nas garras do despotismo pagão, de onde as havia tirado a adoração do Judeu crucificado.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Oitava consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que um Judeu crucificado, que não é senão um Judeu, lançando-se de um só salto, do patíbulo onde acabava de expirar, sobre os altares do mundo inteiro, ali se mantenha imóvel, há dezoito séculos, apesar de todos os esforços da astúcia, das violências da força, do desencadeamento das paixões, unidas para derrubá-lo; e isso em meio às ruínas vinte vezes acumuladas de todo o resto: impérios, monarquias, repúblicas, sistemas, instituições.

Tudo isso é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender.

Nona consequência

É muito simples, muito natural, muito lógico que todos os povos do mundo, que durante quatro mil anos esperaram do céu um Libertador, encarregado de restabelecer sobre a terra o reino da verdade, da justiça e da virtude, tenham reconhecido como objeto de suas esperanças um Judeu crucificado que não é senão um Judeu;

Que, a partir desse momento, tenham cessado de esperar outro libertador;

Que Deus, que nada é se não é a bondade, a verdade, o poder infinitos, tenha permitido, sem reclamação, sem oposição, que esse Judeu crucificado se apoderasse, em seu proveito, da fé e da adoração do gênero humano;

Que esse Judeu, que não é senão um Judeu, tenha feito todas as obras de Deus, esclarecido, consolado, libertado, tornado os homens melhores e mais felizes; e tudo isso embora não fosse Deus, nem o enviado de Deus, mas um falsário insigne, um facínora mil vezes digno da forca em que foi pendurado.

Tudo isso, dizeis, é muito natural, muito lógico, muito fácil de compreender. Em tudo isso nada há de sobrenatural, nada de divino e nem sombra de milagre.

Para partilhar a vossa opinião, o cristão só tem uma coisa a pedir-vos.



Santo Estêvão carregando as pedras de sua lapidação. Gravura de Martin Schongauer, século XVI. — Os cristãos são apedrejados, açoitados, submetidos a tormentos, esfolados com unhas de bronze. Despedaçam-nos a ferro; consomem-nos pelo fogo; pregam-nos em cruzes. (Ver o texto, p. 55.)

Capítulo XXV — Uma experiência

I

Para nos provar, claro como dois e dois são quatro, que a conversão do mundo, com todas as suas consequências, por um Judeu crucificado que não é senão um Judeu, ajudado por doze pescadores como todos os outros pescadores, é coisa facílima, lógica, que de modo algum supera as forças humanas e que não exige milagre algum, vamos pedir a algum incrédulo de renome, o sr. Renan, por exemplo, que nos dê uma repetição dela.

Jamais empresa foi mais digna de seu grande coração. Sua profunda compaixão pelo gênero humano, tolamente curvado, há tantos séculos, sob o jugo degradante da idolatria cristã, não permite duvidar de que se preste com alegria à experiência proposta.

II

Pois bem: certa manhã, o altivo negador da divindade do cristianismo desce à rua, seus dois famosos volumes debaixo do braço, e dirige-se ao arrabalde de Saint-Antoine. À sua vista, apresenta-se o filho de um carpinteiro, fumando seu cachimbo diante da oficina de seu pai.

Chama-o e lhe diz: «Sou o sr. Renan, membro do Instituto. A ciência demonstrou-me que o estabelecimento do cristianismo é obra puramente humana. Jesus não é Deus, não fez milagres. Seus apóstolos eram sonhadores. Acometidos de alucinação, o que acontece muitas vezes na Judeia, julgaram ver o que não viram, ouvir o que não ouviram. Meus livros, aqui estão, dar-te-ão a prova disso.

«Salvo eu e os meus semelhantes, a humanidade é, há dezoito séculos, vítima de uma vergonhosa mistificação. Para convencê-la disso, resolvi dar uma repetição do fato de que Jesus foi o herói.

III

«Escolhi-te para executar esta empresa: o sucesso fará a tua glória tanto quanto a minha. Cheio desse pensamento, vais recomeçar o papel de Jesus de Nazaré. Esse papel te é conhecido, e estás em todas as condições requeridas para desempenhá-lo. De um lado, és carpinteiro e filho de

carpinteiro; de outro, não precisas, para ter êxito, nem de agentes sobrenaturais, nem de milagres. Mãos à obra, pois, e te tornarás imortal.»

IV

Sob a palavra do sábio acadêmico, o jovem carpinteiro deixa a oficina de seu pai, desce às margens do Sena e reúne ao redor de si doze pescadores de profissão. «Meus amigos, diz-lhes, deixai aí as vossas barcas e as vossas redes. Segui-me; tenho uma importante comunicação a fazer-vos.»

Eles o seguem.

V

Com eles sobe aos montes Chaumont e, retirando-se à parte, faz que se sentem na relva; depois fala-lhes nestes termos: «Conheceis-me; sabeis que sou carpinteiro de ofício e filho de carpinteiro. Há quase trinta anos trabalho na oficina de meu pai. Muitas vezes me vistes, quando vínheis procurar-nos para consertar as vossas barcas.

VI

«Pois bem! Estais em erro. Não sou de modo algum o que pensais. Tal como me vedes, sou Deus. Fui eu quem criou o céu e a terra. Resolvi fazer-me reconhecer pelo que sou e fazer-me adorar em todo o universo, até o fim dos séculos. Quero associar-vos à minha glória.

VII

«Eis o meu projeto: começo por percorrer, durante algum tempo, pregando e mendigando, os campos dos arredores de Paris. Uns me escutam, outros zombam de mim e me repelem. Acusam-me de diversos crimes, e manobro tão bem que me faço condenar à morte e conduzir ao cadafalso. Aí está o meu triunfo.

VIII

«Três dias depois da execução, recoloco a cabeça sobre os ombros; ressuscito e vos digo: ‹Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do carpinteiro de Paris e ordenando-lhes que creiam tudo o que vos ensinei, que façam tudo o que ordeno.›

IX

«Paris será o primeiro teatro de vossa pregação. Percorreis as ruas; detendes-vos nas praças; chamais os transeuntes e lhes dizeis:

«‹Escutai a grande notícia. O jovem carpinteiro do arrabalde de Saint-Antoine, que percorria os campos mendigando e pregando; que se fez condenar à morte pelo tribunal do júri e que foi executado nestes últimos dias, não é um homem: é o Filho de Deus, o Criador do céu e da terra.›

X

«Para terdes a glória e o prazer de adorá-lo, deveis todos, sem exceção, homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, começar por confessar que vós e vossos pais, bem como todos os povos do mundo, não fostes até aqui senão um rebanho de ignorantes, vítimas dos mais grosseiros erros.

«Em seguida deveis prostrar-vos humildemente a nossos pés, com o arrependimento no coração, dizer-nos todos os vossos pecados, mesmo os mais secretos, e fazer todas as penitências que nos parecer bom impor-vos.

XI

«Depois tereis a complacência de deixar-vos zombar, injuriar, insultar sem dizer palavra; meter na prisão, sem opor a menor resistência; açoitar até o sangue, com a ação de graças nos lábios; enfim, cortar a cabeça na praça pública, e crer do fundo do coração que é tudo o que vos pode acontecer de mais feliz.

«Eis, meus amigos, o que repetireis palavra por palavra em todos os bairros de Paris. Dali vos espalhareis pelas províncias; atravessareis os Alpes, os Pireneus, o Oceano, e ireis pregar a mesma doutrina até os confins do mundo.

XII

«Não devo ocultar-vos: todo o mundo zombará de vós. As pessoas crescidas dirão que bebestes. Bandos de crianças correrão atrás de vós, vociferando e atirando-vos pedras. Tudo isso causará tumulto na cidade. Os agentes de polícia vos prenderão, sereis levados diante da justiça. O procurador imperial vos fará severas admoestações e vos impedirá de pregar a minha doutrina.

«Não o escutareis, e a pregareis com mais entusiasmo ainda. Prender-vos-ão de novo: deixar-vos-eis prender. Açoitar-vos-ão de novo: deixar-vos-eis açoitar. Meter-vos-ão de novo na prisão: deixar-vos-eis meter na prisão. Enfim, para vos fazer calar, em Paris ou alhures, cortar-vos-ão a cabeça: deixar-vos-eis cortar a cabeça. Então tudo irá pelo melhor.

XIII

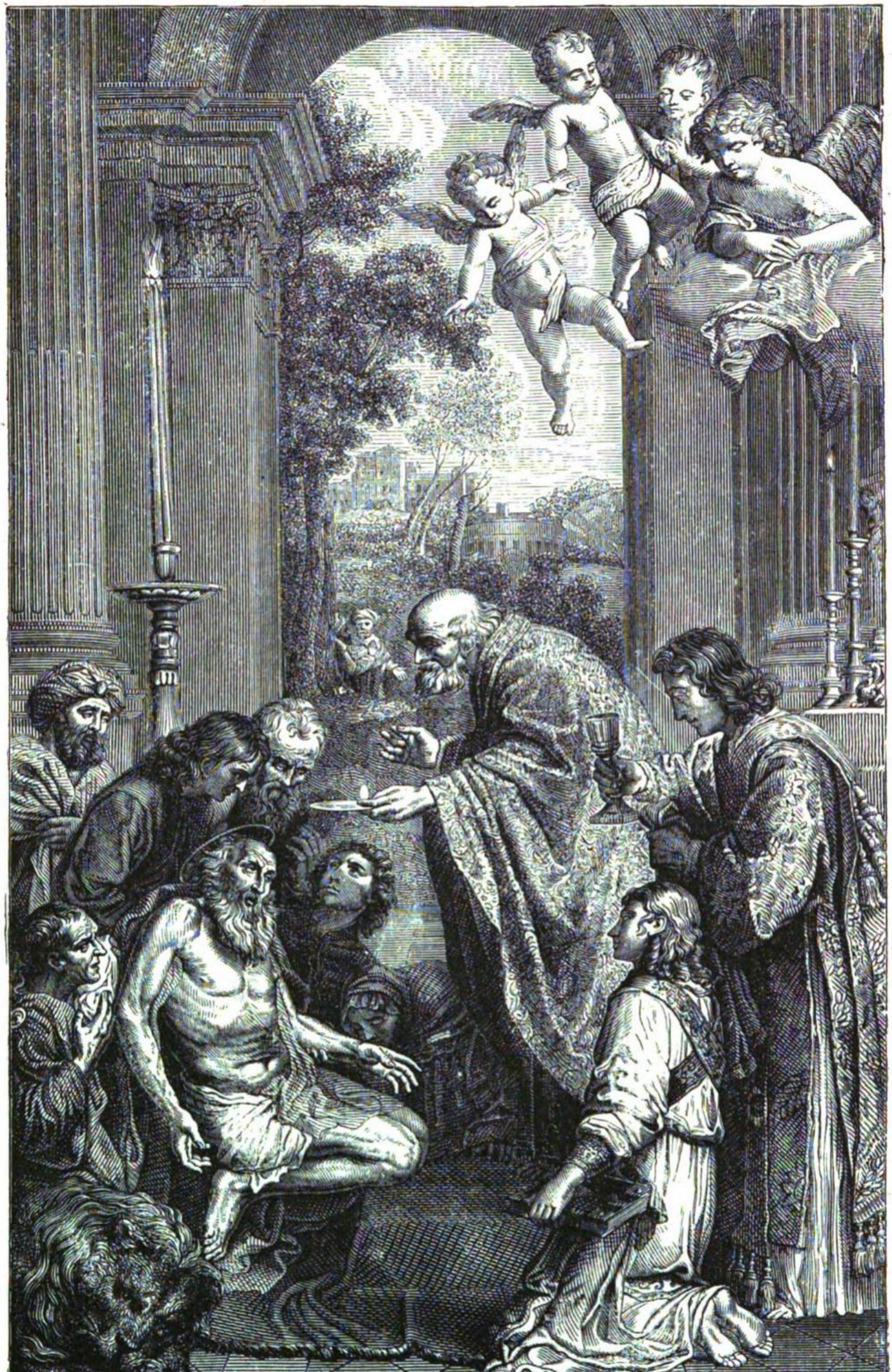
«Quando isso estiver feito, teremos plenamente conseguido: todo o mundo quererá converter-se. Eu serei reconhecido como o único verdadeiro Deus. Adorar-me-ão primeiro em Paris, depois em todo o departamento do Sena e nos demais. De Paris, meu culto passará a Roma, a Londres, a Petersburgo, a Madri, a Constantinopla, a Pequim. Logo a oficina de meu pai tornar-se-á uma linda capela, aonde os peregrinos chegarão em multidão dos quatro cantos do mundo, e seus ricos presentes farão o orgulho de minha cidade natal.

XIV

«Quanto a vós, meus doze apóstolos, sereis doze santos, que se invocarão por todo o universo. Colocar-se-ão vossos ossos em altares de ouro e de mármore; vossas estátuas em nichos, e vossos retratos, pintados em estandartes, serão levados em procissão, não somente em Paris, mas no mundo inteiro, até o fim dos séculos. Assim chegareis em linha reta à imortalidade, sem contar o céu que vos prometo por toda a eternidade. Que felicidade para vós! Que glória para vossas mulheres e vossos filhos!

«Converter o mundo não é mais difícil que isso. E eis o meu projeto. É, como vedes, muito simples, muito lógico; em nada excede as forças humanas e não exige sombra de milagre.

«Posso contar convosco, não é verdade?»



> **A comunhão de São Jerônimo.** Quadro de Domenichino, no Vaticano, século XVII. — Em sua moral, a religião cristã era assustadora de austeridade; só falava de crucifixão, de lágrimas, de mortificações, de jejuns, de vigilância contínua, de combates contra si mesmo. (Ver o texto, p. 36.)

XV

Como seria acolhido semelhante discurso? Não é preciso dizê-lo. Ouço os nossos bravos pescadores, irritados com a mistificação de que são objeto, censurá-la energicamente, de palavra e de gesto, talvez de braço, a quem é o seu autor. Vejo-os descer a Paris, publicando por toda parte que a cabeça do jovem carpinteiro do arrabalde de Saint-Antoine se mudou.

E ninguém se espantaria de saber que o novo Deus foi conduzido, no mesmo dia, ao hospício de Charenton, onde goza, em vez das honras divinas, do privilégio incontestado de ocupar o segundo lugar entre os loucos, pertencendo o primeiro, sem contestação, ao inventor do projeto.

Capítulo XXVI — Uma conclusão

I

Está devidamente estabelecido que a empresa do carpinteiro de Paris é o sublime da loucura. Todavia, não é mais insensata que a de Jesus de Nazaré, se Jesus de Nazaré não é senão um simples mortal, nascido num estábulo e criado na oficina de um artesão, agindo só e sem o socorro dos mais notáveis milagres.

II

É até muito menos. Um carpinteiro de Paris vale bem um carpinteiro de Nazaré. Um francês guilhotinado não está abaixo de um Judeu crucificado. Doze pescadores do Sena podem muito bem, pelo saber e pela coragem, sustentar a concorrência com doze pescadores dos pequenos lagos da Galileia. Fazer adorar um cidadão francês do século XIX é, sem comparação, menos difícil que fazer adorar um Judeu no século de Augusto.

III

Assim, quando se quer explicar o estabelecimento do cristianismo por causas puramente humanas, chega-se em quatro passos ao último grau do ridículo. Entretanto, não há efeito sem causa. Faça o que fizer o incrédulo, o cristianismo é um fato, e esse fato importuno ergue-se diante dele em toda a sua altura. Visto que não há causa humana que possa explicar-lhe o estabelecimento, é preciso, a menos que se admita um efeito sem causa, reconhecer nele uma causa divina. Deus meteu a mão nisso: houve milagre.

IV

Mas se Deus meteu a mão nisso, o cristianismo é verdadeiro, unicamente verdadeiro, completamente verdadeiro. A todos os dogmas que ensina, a todos os deveres que impõe, só resta dizer: Credo.

O cristianismo me diz: o homem caiu: Credo.

O homem foi resgatado: Credo.

Foi resgatado por Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem: Credo.

O homem tem uma alma imortal: Credo.

Há um inferno eterno: Credo.

Há um céu eterno: Credo.

Há uma Igreja infalível encarregada de ensinar a verdade: Credo.

Essa Igreja subsistirá até o fim do mundo:

Credo.

Essa Igreja é a Igreja católica, apostólica, romana: Credo.

V

O cristianismo me diz que o único meio de evitar o inferno e de merecer o céu é fazer o que ele me ordena: Credo.

Amar a Deus mais que a tudo e ao meu próximo como a mim mesmo: Credo.

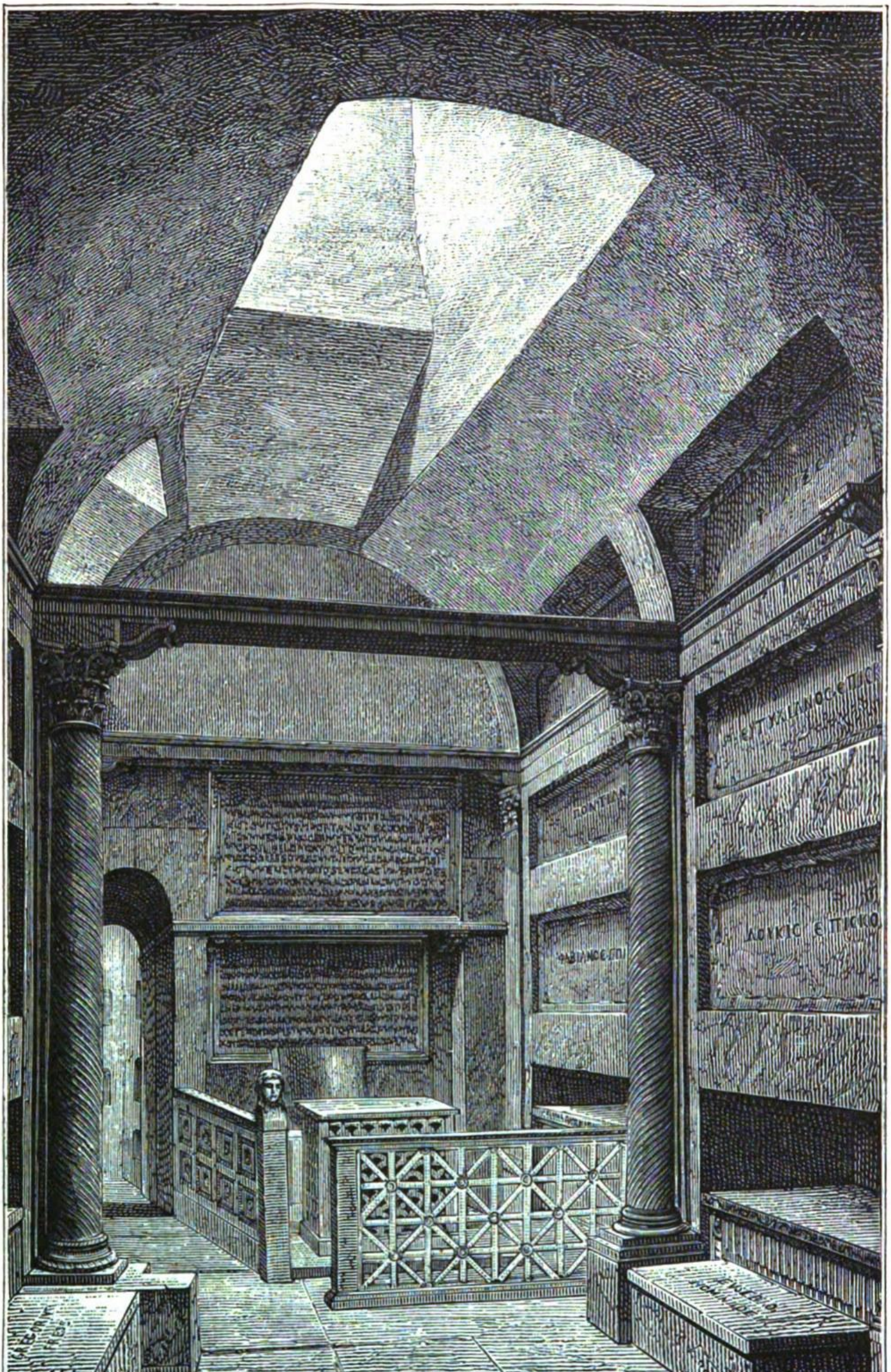
Perdoar as injúrias: Credo.

Respeitar o bem alheio: Credo.

Viver casto: Credo.

Humilde: Credo.

Mortificado: Credo. Confessar-me: Credo. Comungar: Credo.



> **O cristianismo nas Catacumbas.** Interior da cripta dos papas, disposta por São Calisto e decorada por São Dâmaso. Restituída pelo comendador De Rossi. (Ver o texto, p. 38.)

VI

Visto que o cristianismo é verdadeiro, completamente verdadeiro, todos os sistemas contrários ao cristianismo são falsos; todas as objeções, nulas, pois não pode haver verdades contraditórias.

Logo, diante do só fato do estabelecimento do cristianismo, todos os sistemas — racionalismo, panteísmo, materialismo, ateísmo, naturalismo, cesarismo, sensualismo, positivismo, socialismo, solidarismo, espiritismo — que levantam hoje contra o cristianismo a sua cabeça hedionda, como a hidra da fábula ou a besta do Apocalipse, são falsos, completamente falsos.

Logo, todos os sofismas, todos os «se», todos os «mas», todos os «porquês» contra o dogma, a moral e o culto do cristianismo caem por terra, como a bala do árabe fugitivo contra a pirâmide do deserto.

VII

Nosso fim está atingido. O cristão do século XIX conhece o Refúgio, a fortaleza, a cidadela inexpugnável, de onde pode desafiar os ataques de seus inimigos, bem como as tormentas e os perigos dos tempos atuais.

Aqui poderia terminar a nossa tarefa. Queremos, no entanto, prosseguir. Parece-nos útil pôr em luz todo o poder, não somente defensivo, mas ofensivo, que há nesta palavra maravilhosa: Credo.

Capítulo XXVII — Uma arma ofensiva

I

Aniquilar de um só golpe todas as objeções: tal é a primeira, a imensa vantagem do fato sobre o qual repousa o Credo do cristão, o estabelecimento do cristianismo. Convertê-las em provas, e em provas triunfantes, é outra.

De escudo e refúgio que era, o Credo torna-se revólver e canhão raiado. Arma defensiva, muda-se em arma ofensiva de uma potência e de uma precisão que nada iguala. Vamos mostrá-lo.

Por tempo bastante o ímpio se deu livre curso contra a religião; seja-nos permitido, uma vez, usar de represálias e voltar contra ele as suas próprias armas. Muitas vezes o incrédulo transformou o cristão em idiota: pode o incrédulo achar ruim que o cristão o transforme em apologista?

II

Para os livres-pensadores de toda tonalidade — panteístas, materialistas, socialistas, solidaristas, racionalistas, espíritas —, o cristianismo não é sequer um sistema razoável. Descobrem nele uma multidão de coisas que não suportam a crítica ou que chocam o bom senso. Suas objeções contra o dogma atacam a divindade e até a existência de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para uns, Jesus de Nazaré não é senão um homem como outro qualquer. Para outros, é simplesmente um mito, inventado com o fim de personificar um sistema, como os heróis e semideuses da mitologia.

III

Os doze apóstolos são os doze signos do zodíaco; ou, se existiram, eram fanáticos, ludibriados por sua imaginação, que afirmaram ter visto o que não viram, ouvido o que não ouviram, tocado o que não tocaram.

No conjunto, os mistérios do cristianismo formam um tecido de contradições, de impossibilidades, de absurdos e de fantasias, de que o menor grau de ciência basta para fazer pronta e soberana justiça.

IV

Quanto à moral, sustentam que é um amontoado de leis e de práticas, das quais umas são antiquadas, inúteis, arbitrárias, supersticiosas; outras, impossíveis de observar, contrárias às inclinações mais imperiosas da natureza e aos direitos imprescritíveis da liberdade humana. Donde concluem que um Deus infinitamente justo e infinitamente sábio não pode ser o seu autor.

Assim, absurdo de um lado, impossibilidade ou inutilidade de outro: eis a última palavra dos incrédulos sobre o cristianismo. Resulta daí que, ao abraçá-lo, o gênero humano foi acometido de alucinação.

V

Baseado no fato do estabelecimento do cristianismo, o Credo converte em prova vitoriosa esse duplo ataque. Pelo que precede vimos, e bem vimos, que, mesmo aceitando o cristianismo como sistema razoável, é impossível explicar-lhe o estabelecimento por meios humanos. A menos que se admita um efeito sem causa, é de toda necessidade recorrer aos milagres, e aos milagres mais bem comprovados.

VI

Vindes agora dizer-nos, e esforçais-vos por persuadi-lo ao mundo inteiro, que o cristianismo não é sequer um sistema razoável; que seu dogma é falso, incrível, absurdo em muitos pontos. Que é isso, senão aumentar imensamente a dificuldade, já tão grande, de fazê-lo aceitar, e demonstrar com nova força a existência, a necessidade, o número e o brilho dos milagres que o persuadiram ao universo?

VII

Quanto mais fortes e mais numerosas são as vossas objeções, mais fazeis crescer a dificuldade da empresa. Por conseguinte, mais o milagre vos pega pela garganta e vos força a confessar a realidade e o poder da intervenção divina, que fez dobrar-se ao jugo da fé cristã as mais altivas inteligências, a própria razão do gênero humano.

VIII

Sem vos aperceberdes, transformais-vos em apologista e vos tornais, para vós mesmos, um verdadeiro Padre da Igreja. Queirais ou não, sois obrigado a dizer-vos esta linguagem: «Minhas objeções contra os dogmas cristãos não são novas. Todas foram feitas, e outras ainda, no próprio nascimento do cristianismo, pelos hereges, pelos filósofos pagãos, por negadores não menos

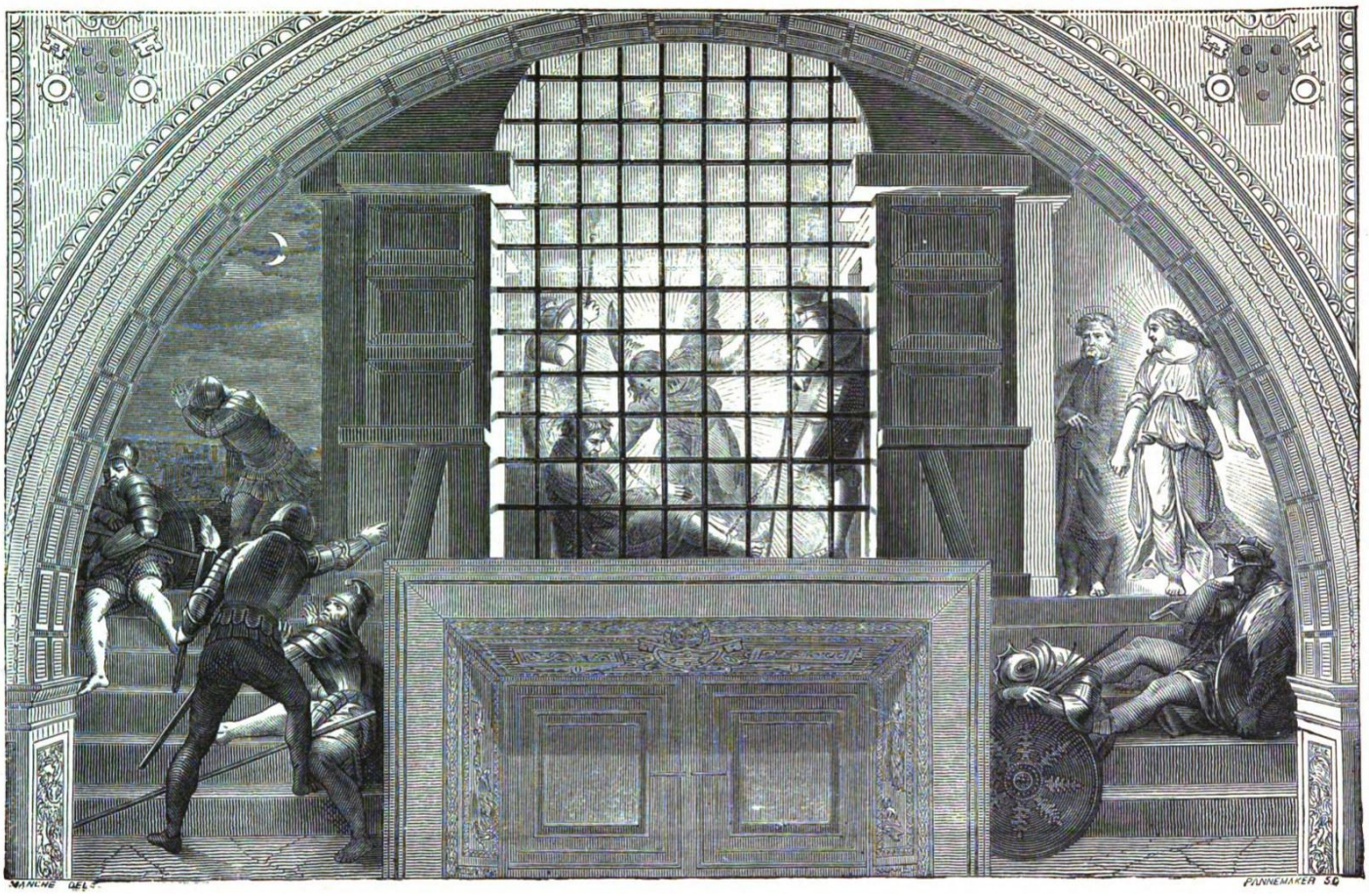
hábeis que eu.

«Não há um dogma da fé cristã que não tenha sido cem vezes atacado pelo raciocínio, pela ciência, pela história, por todos os gêneros de objeções, e isso com uma superioridade que nunca foi ultrapassada. Não há um mistério que não tenha sido disfarçado, desnaturado, representado nos teatros e entregue à zombaria de um mundo que dele ouvia falar pela primeira vez.

IX

«Se, pois, apesar de minha educação num país cristão, apesar do exemplo de tantos grandes homens e de tantos grandes povos que creram; de tantas pessoas, não menos esclarecidas que eu, que continuam a crer; apesar de uma posse pública de dezoito séculos, o dogma do cristianismo me parece tão contrário à razão que o acho impossível de crer, que devia parecer ao mundo pagão, senão um escândalo capaz de fazer tropeçar os mais firmes espíritos; uma loucura a aguçar todos os sarcasmos, a provocar todos os risos, a fazer abanar todas as cabeças?

«Quanto mais sinto a força das objeções, mais se elevam também, a meus próprios olhos, esse escândalo e essa loucura; por conseguinte, melhor compreendo a impossibilidade absoluta em que estava o mundo pagão de crer no cristianismo.



> **São Pedro libertado da prisão por um anjo.** Pintura a afresco de Rafael, no Vaticano, século XVI.

X

«Contudo, esse dogma cristão, que me aparece como um sistema incoerente e que não se sustenta diante de minha crítica, como uma mistura ridícula de fábulas e de contradições, como uma montanha de absurdos e de impossibilidades, o universo o creu.

«Creu-o, sob a palavra de doze ignorantes.

«Creu-o em pleno século de Augusto, isto é, como aprendi no colégio, no século por excelência das luzes, da filosofia, da eloquência e das artes.

«Creu-o, apesar das oposições cem vezes renovadas dos livres-pensadores contemporâneos, cujos livros e cuja pena não cessavam de lhe dizer absolutamente tudo o que eu digo a mim mesmo: ‹O dogma do cristianismo é um tecido de concepções imaginárias, um plágio desajeitado de velhas tradições orientais e de algumas fórmulas filosóficas.›

XI

«Creu-o, apesar dos senhores da terra armados para proscrevê-lo; apesar de Nero, Domiciano, Diocleciano, Galério; apesar dos leões, dos tigres, das fogueiras, dos pentes de ferro, empregados para impedi-lo de crer.

«Creu-o em todos os pontos do globo, em Atenas, em Roma, no Oriente e no Ocidente.

«E, apesar de mim e dos meus semelhantes, ainda o crê.

XII

«Que meios há de explicar esse fato implacável?

«Dois somente: o DELÍRIO ou o MILAGRE.

«O milagre, não o admito; se o admitisse, seria católico.

«O delírio; mas quem é por ele acometido? Estou eu bem certo de que não sou eu?

«Estou bem certo de ter razão sozinho contra todo o mundo e de ser o único sábio, o único esclarecido entre os mortais?

XIII

«Posso depositar confiança razoável em objeções que nada têm de sólido aos olhos do resto dos homens e que talvez me parecessem ilusórias a mim mesmo, se meu coração não desencaminhasse minha razão?

«Julgo-me sábio; e, pelo órgão de seus grandes homens e de seus grandes povos, o mundo inteiro me diz que não sou senão um ingênuo, mártir de um vão erro? O mundo não diria a verdade?

XIV

«Fazer-me apologista malgrado meu: tal é o resultado a que chegam as minhas objeções contra os dogmas do cristianismo. Manobrei tão bem que todas se tornaram provas esmagadoras; de sorte que me vejo encerrado num círculo de ferro, do qual só posso sair por duas saídas:

«DELÍRIO ou milagre;

«Louco ou católico.

«Não há meio-termo.»



> «Eu sou o Alfa e o Omega» (Ap 1, 8: «Eu sou o Alfa, e o Omega, o princípio, e o fim, diz o Senhor Deos»). Segundo o selo da abadia de Saint-Tibéry, 1303.

Capítulo XXVIII — Continuação do precedente

I

Não menos que as objeções contra o dogma do cristianismo, os ataques contra a sua moral têm o efeito inesperado de firmar o Credo do cristão. Todas as reclamações do orgulho, todos os murmúrios das paixões, todas as revoltas da natureza contra os preceitos do Evangelho tendem a mostrar que esses preceitos são inúteis, impraticáveis, antiquados, contrários à liberdade do homem, ou que pelo menos se pode tomá-los ou deixá-los, sem consequência.

II

Que resulta daí? Ainda a prova palpável da existência, da necessidade, do número e do brilho dos milagres que forçaram o mundo a curvar a cabeça sob o jugo da moral cristã. Quanto mais fortes parecem as objeções, quanto mais numerosas são, tanto mais fazem crescer a dificuldade da empresa; por conseguinte, tanto mais fazem brilhar a força vitoriosa dos milagres que triunfaram das resistências do universo.

III

Aqui o livre-pensador — Renan, Proudhon, Strauss, seja qual for a sua ciência, a sua idade ou o seu nome — vê-se de novo transformado, no âmago de sua consciência, em apologista involuntário.

É condenado a dizer-se: «A moral do cristianismo era, há dezoito séculos, o que é hoje. Ora, essa moral me parece, em muitos pontos, inútil, facultativa, antiquada, impraticável, contrária à minha razão e à minha liberdade.

«Sou eu quem tem esta linguagem! Eu quem sinto esta impossibilidade! Eu quem proclamo esta liberdade de escolher os preceitos que me convêm e de deixar os que não me convêm!

IV

«Quem sou eu, pois, nascido no seio do cristianismo; eu, habituado desde a infância a olhar a lei evangélica como uma lei divina e em todos os pontos obrigatória; eu, afeiçoado, sobre os joelhos de minha mãe, ao jugo que ela impõe; eu, que cresci numa atmosfera cristã e vivo cercado de exemplos, cuja voz incessante me prega, e a necessidade absoluta da moral do cristianismo, e a possibilidade de praticá-la?

V

«Se, apesar de tudo isso, ela me parece impossível, inútil, facultativa, quanto mais não deve ter parecido ao mundo pagão, sepultado nos prazeres dos sentidos, quando lhe foi anunciada pela primeira vez! Como, pois, tantos jovens, de carne e osso como eu, tão fracos, tão ricos, tão instruídos, tão apaixonados como eu, talvez mais; como tantos homens de toda idade, de toda classe, de todo país, de toda condição, tão hábeis, tão sábios como eu, talvez mais, puderam aceitar como verdadeira, como obrigatória, como possível, essa mesma moral que declaro falsa, facultativa, impossível?

VI

«Como se submeteram a ela com tanta docilidade? Como a observaram em todos os pontos e com uma perfeição constante, quando para praticá-la era preciso não somente acorrentar paixões nutridas desde o berço por hábitos contrários, fortalecidas pelo exemplo universal, consagradas pela religião; derrubar de alto a baixo as próprias ideias, os próprios gostos, a vida inteira; romper, por conseguinte, cadeias perto das quais as minhas não são senão grinaldas de flores; mas ainda consentir em ser renegado pelos próximos, despojado dos bens, crivado de sarcasmos, açoitado até o sangue, marcado a ferro em brasa, mandado às galés, à espera, como último encorajamento, do delicioso prazer de ser assado vivo ou graciosamente triturado entre os dentes de um leão da África ou de um urso da Germânia, ao bater de palmas de todo um povo?

VII

«Que meio há de explicar este novo fato, não menos implacável que o primeiro?

«Dois somente: o DELÍRIO ou o MILAGRE. A FÉ ou a LOUCURA. Não há meio-termo.

VIII

«Eis o resultado das objeções de meu espírito e das revoltas de meu coração contra a moral do cristianismo. De grau em grau, cheguei a demonstrar, melhor que todos os apologistas, a imperiosa necessidade e a inabalável certeza dos milagres, cujo brilho só pôde vencer, no gênero humano inteiro, a mais formidável oposição que se possa conceber: o orgulho dos sentidos, a fraqueza do coração e a violência das paixões, coligados contra a moral evangélica.



Os santos mártires. Pinturas murais de H. Flandrin na basílica de São Vicente de Paulo, em Paris. (Ver o texto, p. 67.) *(Inscrições legíveis: S. Jorge, S. Longuinho, S. Sebastião...)*

IX

«Essa demonstração tem, ademais, a pérfida propriedade de crescer em razão direta de minhas dificuldades. Quanto mais vivas são as minhas paixões, mais indomáveis os meus sentidos, mais inveterados os meus hábitos, mais pesadas as minhas cadeias, mais compreendo a necessidade e a força irresistível dos milagres que triunfaram de todas essas coisas no mundo do século de Augusto e lhe fizeram, ao preço de seu sangue, aceitar e praticar uma moral cuja impossibilidade ninguém conhece melhor que eu.

X

«Que me resta?

«Pretender que a crença do gênero humano no cristianismo é efeito de uma alucinação? Mas não deixarão de me responder: ‹Se o gênero humano está alucinado, quem vos disse que vós não o estais? Se todos os homens são loucos, provai que sois sábio?›

XI

«Que me resta, pois? A menos que feche os olhos para não ver e me condene a uma incoerência perpétua, que seria o verme roedor de minha consciência, a vergonha de minha vida e o tormento de minha morte, resta-me voltar à fé de meu batismo e professar, mais ainda por minha conduta que por minhas palavras, o inatacável Credo do mundo católico.» Só este partido é razoável.

Credo.

Resumo geral

I

Assustados com os imensos perigos que ameaçam hoje a fé de grande número de almas, quisemos proporcionar-lhes um Refúgio seguro.

Esse refúgio está nesta palavra: Credo.

Fundada num milagre, o mais brilhante de todos e sempre subsistente, essa palavra, bem compreendida, é para o cristão um infalível meio de defesa e um princípio eterno de vitória: *Hæc est victoria quæ vincit mundum, fides nostra* — «e esta he a victoria, que vence ao mundo, a nossa fé» (1 Jo 5, 4).

Qual é esse milagre?

É a conversão do mundo, resumida neste fato:

O MUNDO ADORA UM HEBREU CRUCIFICADO.

II

Esse fato dá lugar ao seguinte raciocínio: Ou esse Judeu crucificado é Deus, ou não é Deus.

Se é Deus, tudo se explica. O mundo adora o Judeu crucificado, Jesus de Nazaré, porque milagres de brilho irresistível, operados por ele e por seus discípulos, provaram a sua divindade e forçaram a fé do gênero humano. Nesse caso, sendo o cristianismo obra de Deus, é verdadeiro, completamente verdadeiro; e nada está mais bem fundado que o Credo do cristão.

Se o Judeu crucificado, Jesus de Nazaré, que há dezoito séculos reina sobre os altares do gênero humano, não é Deus, o mundo inteiro, o mundo civilizado, é ferido de uma imensa, de uma incurável alucinação; visto que, sob a simples palavra de doze ignorantes, de doze falsários, de doze fanáticos que vieram dizer-lhe ter visto o que não viram, ouvido o que não ouviram, ele, contrariamente a todas as luzes de sua razão e apesar de todas as inclinações de seu coração, adorou, e adora, como o Criador do céu e da terra, um Judeu crucificado que se disse Deus e não o é.

III

A primeira conclusão desse raciocínio é que o Credo do cristão, baseado no fato do estabelecimento do cristianismo, com milagres ou sem milagres, permanece um refúgio inexpugnável.

A segunda, que encerra o incrédulo num círculo de ferro do qual só pode sair por uma destas duas saídas:

A FÉ em sua mais alta potência;

Ou a LOUCURA em seus últimos limites.

IV

Venham agora as potências das trevas com suas horas nefastas;

Os tempos maus, divinamente anunciados, com seus perigos de toda espécie: o enfraquecimento da fé, a decadência dos costumes, a progressão dos crimes, a enormidade dos escândalos;

Os hereges, com sua atividade febril de propaganda mentirosa, seu ouro corruptor e sua denigração do catolicismo;

Os racionalistas, com suas blasfêmias e seus sofismas cada dia renovados;

Os solidários, com seu ódio da verdade, levado até o furor;

Os negadores de toda tonalidade e de toda estatura, com seus soberbos desdéns e seus risinhos satânicos;

Os revolucionários, com seus projetos anárquicos sabiamente elaborados nos antros tenebrosos das sociedades secretas;

Os espíritas, com seus oráculos, seus prestígios e sua pretensão, altamente confessada, de substituir o culto do verdadeiro Deus pelo culto dos demônios.

V

Que os governos, feridos de demência, se coliguem contra o cristianismo e contra a Igreja; que substituam o direito da força pela força do direito e reconduzam os homens à moral dos lobos;

Que as nações, atingidas do *militarium tremens*, se organizem em campos armados e que, em previsão de hecatombes humanas desconhecidas na história, toda a sua solicitude seja encontrar uma arma capaz de matar cem homens num minuto;

Que o mundo batizado, esse mundo que tudo deve ao cristianismo, se ponha em insurreição permanente contra Nosso Senhor Jesus Cristo; que volte contra o seu Vigário as armas de seus

soldados e as artimanhas de sua diplomacia; que o despoje de seus bens; que negue seus direitos e o sacie de ultrajes;

Que o papado temporal desmorone e, com ele, a pedra angular do edifício social;

Que Pio IX, expulso de sua morada por seus próprios filhos, seja forçado a tomar o caminho do exílio;

Que sementes de cisma se manifestem e deem lugar a lamentáveis deserções;

Que enfim, sob um nome ou outro — solidarismo, maçonismo, satanismo, socialismo —, a Revolução triunfante desencadeie todas as más paixões, abale os tronos, desloque os impérios, afogue em sangue a civilização moderna e atraia sobre a terra culpada catástrofes justamente merecidas:

O cristão não será abalado.

VI

Forte de seu Credo, ele — criança, moça, pobre criada, pequena operária, obscuro lavrador — deixará passar, tranquilo e confiante, a justiça de Deus.

Sabe e saberá sempre:

Que todas essas tempestades foram preditas;

Que não cairá um cabelo de sua cabeça sem a permissão de seu Pai celeste;

Que tudo o que acontece redunda em bem dos eleitos;

Que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, e que seus inimigos logo apodrecerão no túmulo que haviam cavado para ela.

VII

O MUNDO ADORA UM HEBREU CRUCIFICADO

Ao abrigo desse fato, base indestrutível de seu Credo, o cristão, seja qual for, aguardará de pé firme os inimigos de seu Deus e de sua fé. Em vez de perturbar-se com os sofismas deles; em vez de esforçar-se por repeli-los pelo raciocínio, transformá-los-á em provas vitoriosas e fará o que fazem os filhos do século quando estão no espetáculo: contentar-se-á em olhar, escutar e aplaudir.

VIII

Quando tiverem bem disputado, bem negado, bem raciocinado e ainda mais desarrazoado, dir-lhes-á: «Coragem! Julgando fazer a vossa obra, fazeis a minha. Multiplicai as vossas objeções, as vossas negações, os vossos sarcasmos. Minai todos os fundamentos do cristianismo; negai as profecias; negai os milagres; negai Jesus Cristo; transformai a minha religião num tecido de fantasias, de inutilidades, de impossibilidades: quanto mais absurdos parecerem os seus dogmas e impraticável a sua moral, quanto mais alucinados, fracos, ignorantes, desprezíveis forem os apóstolos, quanto mais espírito, saber, eloquência, crédito tiverem tido ou tiverem os sofistas e os ímpios, tanto mais viva se torna a minha fé e palpável a vossa loucura.

«Melhor que ninguém demonstrastes que a adoração de um Judeu crucificado por todas as nações civilizadas do globo é um fato inexplicável, evidentemente acima das forças humanas; por conseguinte, evidentemente divino: *Incredibile ergo divinum*.»[^1]

[^1]: Não tendo querido fazer uma obra de erudição deste opúsculo destinado a todas as classes de leitores, omitimos as citações. Se se desejar conhecer as provas em que se apoia a história do estabelecimento do cristianismo, bastará consultar Bullet, *História do estabelecimento do cristianismo*; De Colonia, *A verdade do cristianismo, provada pelos autores pagãos*; Mamachi, *Origines et antiquitates christianæ*; Baronius, *Annales ecclesiastici*, anos 34-130; Tácito, *Hist.*, liv. XV [N. do T.: o episódio da perseguição de Nero está nos *Anais*, liv. XV]; Plínio, *ad Trajanum*; Suetônio, *in Vespas.* e *Domitian.*; São Justino, Tertuliano, Arnóbio, Minúcio Félix; Celso, Porfírio, Luciano; e o *Catecismo de perseverança*, do qual esta publicação de circunstância é, em grande parte, uma página destacada.



> Gravura do século XVI.